

)E_2016

Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

João Mena (joao.a.f.mena@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Psicologia área de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena Santos Torres Veiga de Carvalho

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflito

Resumo: O presente estudo tem como objetivo central explorar as representações sociais acerca da violência entre parceiros íntimos, bem como a cronicidade e prevalência da utilização de táticas de resolução de conflitos. O protocolo foi aplicado a um total de 1185 sujeitos, sendo constiuido por um Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares, a versão portuguesa (Alexandra e Figueiredo, 2006) da Escala de Táticas de Conflito Revisadas (The Revised Conflict Tactics Scales – CTS-2) de Murray Straus (1996), o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) e o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), ambos de Alarcão, Alberto, Correia e Camelo (2007).

Os resultados sugerem uma baixa legitimação de comportamentos violentos, tendendo os homens a legitimar mais a utilização destes comportamentos. Não são encontradas diferenças ao nível das *causas* da VPI, tendo sido encontradas diferenças para a *manutenção* e *resolução* da VPI, variando estas com a área de estudos, e tendendo as mulheres a obter valores mais elevados. Ao nível do recurso a táticas de resolução de conflitos, a *negociação* é a tática mais utilizada, tendendo os estudantes a apresentar valores mais elevados que os profissionais.

Apesar de a *negociação* ser a tática mais utilizada, e ser utilizada por quase a totalidade de sujeitos numa relação, o uso de táticas violentas apresenta valores bastante elevados. Este dado poderá ser útil na compreensão futura da VPI.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos; representações sociais; sexo; estudantes; profissionais.

Social Representations of Intimate Partner Violence: Legitimation and Conflict Resolution

Abstract: The current study has as a central objective to explore the social representations about intimate partner violence, as well as the chronicity and prevevance of the use of conflict resolution tactics. The protocol was applied to a total of 1185 subjects, and was constituted by a Sociodemographic and Complementary Dada Survey, the Portuguese version (Alexandra e Figueiredo, 2006) of The Revised Conflict Tactics (CTS-2), by Murray Straus (1996), the Conjugal Violence Questionnaire - Stories (QRVS-HIS) and the Conjugal Violence Questionnaire - Causes, Maintenance and Resolutions (QVC – CMR), both by Alarcão, Alberto, Correia e Camelo (2007).

The results sugest a low legitimation of violent behaviour, with the tendency for man to legitimize more the use of such behaviours. No differences were found related to the *causes* of IVP, however differences were found relating to *maintenance* and *resolution* of IVP, which tend to vary according to the area of study, and woman tending to show higher scores. Regarding conflict resolution tactics, *negotiation* is the most used tactic, tending to be used at higher rated by sutdents than professionals.

Although *negotiation* is the most used tactic, and is indeed used by almost all the subjects in a relationship, the use of violence tactis shows high scores. This data might be usefull in the future understanding of IVP.

Key Words: intimate partner violence; social representations; sex; profession

Agradecimentos

O longo percurso que no presente trabalho termina não teria sido possível sem a ajuda, apoio e preocupação de todos aqueles que, de formas distintas e a niveis diversos, dele fizeram parte. A todos, e todas, estou grato por terem contribuído para a construção de quem hoje sou, base de quem amanhã poderei ser.

De forma mais especifica, quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Madalena de Carvalho, pelo suporte, preocupação e desafios, que em muito ajudaram ao avanço deste trabalho.

À Professora Doutra Isabel Alberto, pela disponibilidade e atenção que demonstrou.

À Doutora Mariana Ramos, pela ajuda com questões práticas, que de outra forma seriam gigantes incontornáveis.

Aos meus pais e à minha irmã, pela compreensão das muitas tardes perdidas, fechado no quarto, com tarefas que ficavam por fazer; e apoio constante, que nunca vacilou.

A todos os meus amigos e amigas próximos, pela amizade e apoio constantes, pelos breves mas importantes momentos em que tudo o resto perdia a importância e urgência, em que o mundo fica mais simples. A todos vós, e vocês sabem quem são, um obrigado especial.

Aos colegas que antes desbravaram esta temática, e em grande parte permitiram tornar o presente trabalho uma realidade.

Por último, mas não menos importante, a todos, e a todas, que aceitaram participar neste estudo. Não poderia deixar de fazer este agradecimento pois sem a vossa boa-vontade, este trabalho não seria, de todo, possível.

Índice

Introdução1
l - Enquadramento Conceptual2
3.1 Violência Entre Parceiros Íntimos
3.1 Representações Sociais 7
II - Objetivos
III - Metodologia
3.1 Descrição da Amostra 7
3.2 Instrumentos de Avaliação9
3.2.1 Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares
3.2.2 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2) 10
3.2.3 Questionário de Violência Conjugal- Histórias (QRVC-His)11
3.2.4 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)
3.3 Procedimentos de Investigação
3.4 Procedimentos Estatísticos
IV - Resultados
4.1 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-His) 13
4.2 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)14
4.3 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2) 14
4.4 Influência da Profissão 16
4.5 Influência da Área de Estudos16
4.6 Influência da Experiência Profissional
4.6.1 Estudantes de Medicina/Médicos 17
4.6.2 Estudantes de Enfermagem/Enfermeiros
4.6.3 Estidantes de Serviço Social/Técnicos de Ação Social 18
V - Discussão
5.1 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-His) 18

	5.2 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)	
	Resolução (QVC-CIVIK)	19
	5.3 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2)	21
	5.4 Influência da Profissão	21
	5.5 Influência da Área de Estudos	22
	5.6 Influência da Experiência Profissional	5
VI	- Conclusões	23
	6.1 Limitações	24
	Considerações Finais	25
Bi	bliografia	27
Αı	nexos	31
	Anexo I - Instrumentos	31
	Anexo II – Consistência Interna dos Instrumentos de Avaliação .	51
	Anexo III - Resultados	59

Introdução

"Many who live with violence day in and day out assume that it is an intrinsic part of the human condition. But this is not so. Violence can be prevented" (Mandela, N., in Kugs, E. et al, 2002, p. xi).

A violência foi, em 1996, considerada pela Organização Mundial de Saúde (WHO) como um problema de saúde pública (Forty-Ninth World Health Assembly, 1996), sendo definida como o uso intencional de força ou poder, real ou por ameaça, contra o próprio ou outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha elevada probabilidade de resultar em ferimento, morte, danos psicológicos, desenvolvimento precário ou privação (como citado em Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). Dados recentes indicam que, desde 2000, cerca de seis milhões de pessoas, a nível global, morreram devido a atos de violência interpessoal (World Health Organization, 2014).

Krug e colaboradores (2002) propõem uma tipologia da violência, dividindo-a em três grandes categorias: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. A violência autodirigida é aquela que o indivíduo inflige a si próprio, dividindo-se em comportamentos suicidas e auto-abuso. A violência interpessoal é infligida por outro indivíduo ou pequeno grupo, dividindo-se em violência familiar (doméstica) e de parceiros íntimos e violência comunitária. Por último, a violência coletiva é perpetuada por grupos maiores (ex., Estado, grupos políticos organizados), dividindo-se em violência social, violência política e violência económica. No presente estudo iremos focar-nos no subtipo de violência familiar (doméstica) e de parceiros íntimos.

Apesar de em muitos países o termo violência doméstica ser usado como sinónimo de violência entre parceiros, o primeiro engloba também violência contra crianças e idosos (World Health Organization, 2012). A violência entre parceiros íntimos (VPI) ocorre em todos os países, independentemente do grupo social, económico, religioso ou cultural (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). O conceito de VPI é aqui entendido como qualquer comportamento que, no contexto de uma relação de intimidade, presente ou passada, provoque danos físicos, psicológicos ou sexuais (World Health Organization, 2012; Saltzman, Fanslow, & Shelley, 1999). Segundo a WHO (2014), a violência entre parceiros íntimos é o tipo de violência mais inquirido de todos os tipos de violência.

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). os crimes de violência doméstica¹ são especialmente salientes, perfazendo

cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou exnamorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

¹ O termo Violência Doméstica é definido como "qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja

78,4% do total de crimes registados (2015a). De acordo com a APAV (2015b), em 85% dos casos de violência doméstica registados a vítima era do sexo feminino, com idades entre os 26 e os 55 anos (26% a 28%; ~37%), sendo cônjuge (35,7% a 33,8%) ou companheira(o) (14,4% a 14,5%) do autor do crime agressor. O autor do crime é maioritariamente do sexo masculino (86,5%), com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos de idade (12,1%) a 12,3%) (2015b). A vitimização continuada acontece em 79% dos casos, sendo a duração mais acentuada entre os dois e os seis anos (20,2% a 19,3%) (2015b). Dos crimes registados pela APAV (2015b), 39% das situações foram alvo de queixa, porém em 45% das situações não foi apresentada queixa.

Segundo Martins (2014), uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde diz respeito ao silêncio característico destes casos: "silêncio das vítimas que não revelam o abuso, e silêncio dos profissionais de saúde que não o reportam" (p.316). Nos casos em que as vítimas escondiam o abuso (18,8%), os profissionais de saúde (physicians) não teriam, segundo as vítimas, suspeitas deste em 57,9% dos casos. Ainda, em situações em que os profissionais de saúde suspeitavam de abuso ou este não foi escondido, estes não partilharam a sua obrigação legal de denunciar o abuso em 89,9% dos casos, e em 66,3% dos casos não informaram a vítima do perigo em que esta poderia estar. Ainda assim, em 66,2% dos casos a informação dada acerca dos direitos da vítima e passos a tomar foi considerada intrusiva (p.319).

I - Enquadramento conceptual

1.1 Violência entre Parceiros Íntimos

Durante os últimos quarenta anos as comunidades clínica e científica têm vindo a debater a melhor forma de conceptualizar e responder à violência entre parceiros íntimos (Dixon & Graham-Kevan, 2011). Kurz (1989) identifica duas grandes perspetivas no estudo do abuso físico de maridos e mulheres, que denomina por abordagem da violência familiar e abordagem feminista.

Segundo Kurz (1989), a abordagem feminista defende que os homens usam a violência como forma de controlar as suas parceiras. Defende, também, que tanto historicamente como no presente grandes instituições permitem e toleraram o abuso físico como forma de controlo por parte dos homens, sendo o casamento visto como institucionalizando o controlo das mulheres pelos maridos através da estruturação dos papéis marido-esposa (Kurz, 1989). Segundo Johnson (1995), o foco incide sobre as tradições históricas da família patriarcal, construções contemporâneas de masculinidade e feminidade e as condicionantes estruturais que dificultam a fuga às mulheres que são sistematicamente abusadas.

Dados da WHO indicam que cerca de 30% das mulheres que já tiveram uma relação foram vítimas de violência física ou sexual (2013, p.16). Jansen

situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade" (APAV, 2015, p.9).

e colaboradores (2008) reportam uma associação entre experiências de violência física e/ou sexual ao longo da vida e um largo espectro de problemas físicos e mentais reportados por mulheres. Nesta perspetiva, a violência feminina está associada à autodefesa (Kurz, 1989; Dobash & Dobash, 2004) ou retaliação contra um parceiro (Dobash & Dobash, 2004). O suporte desta perspetiva deriva essencialmente de inquéritos crime, declarações de vítimas mulheres ou homens agressores sinalizados por agências da lei (*law enforcement agencies*) (Archer, 2002). De acordo com Dutton e Nicholls (2005), o efeito inicial do paradigma feminista foi um foco de tal forma exclusivo na violência masculina que a violência feminina foi ignorada. Porém, atualmente existem investigadores que se dedicam à temática da violência contra os homens (e.g., Machado & Matos, 2012; Machado & Matos, 2014).

A abordagem da violência familiar, também designada por abordagem das interações familiares (Archer, 2006), tem por base a crença de que todos os membros de uma família são agressores e vítimas (Kurz, 1989). Segundo Johnson (1995), o foco incide sobre as comunalidades entre as várias formas de violência familiar, tais como a frequência de violência, o papel instigante do stress e a adesão pública a normas de aceitação do uso de alguma violência no contexto da família. Esta proposta (reivindicação) é baseada em dados que mostram valores equivalentes de perpretação de violência equivalentes para marido e mulher (Kurz, 1989). Estes dados derivam de questionários acerca da resolução de conflitos da relação, tipicamente administrados numa amostra não selecionada pelo seu elevado grau de violência (Archer, 2002), sendo principalmente usada a Conflict Tactics Scales (CTS) (Kurz, 1989). De acordo com Strauss e colaboradores (1996), a simetria na medição do CTS (avaliação do comportamento do sujeito e do parceiro do sujeito) não equivale à simetria no comportamento; é uma questão empírica que a simetria do CTS permite investigar.

Straus (1980) indica existirem diferenças mínimas no uso de violência pelos maridos e mulheres e na taxa de agressões graves. O autor sugere que a elevada taxa de violência por mulheres pode ser explicada pelos mesmos fatores socio-estruturais que explicam a violência contra mulheres: comportamentos sexistas e violentos e normas culturais. Indica, também, que existe uma maior tendência dos maridos para escalar o nível de violência e alguma evidência de que parte substancial da violência das mulheres seja em autodefesa. Nas palavras de Straus, "ela pode atirar o primeiro bule de café, mas ele geralmente desfere o último e mais prejudicial golpe" (1980, pp. 681-682).

Com base numa amostra clínica, Hamberger (2005) verifica que a maioria da VPI é bidirecional, mas que o padrão de vitimização é menos simétrico: as mulheres são mais vitimizadas que os homens, sentindo mais medo e apresentando mais ferimentos, e mais graves. Ademais, o uso de violência pelos homens parece ser no sentido de domínio e controlo, ao passo que as mulheres parecem usar a violência para se defenderem ou retaliarem por ataques anteriores. Hamberger e Larsen (2015), procurando atualizar e estender a revisão de Hamberger (2005), indicam que apesar de ambos os sexos serem participantes ativos em atos de violência, a violência física das

mulheres parece ser em resposta a violência física iniciada contra si, que apesar de ambos usarem táticas de abuso emocional, os homens tendem a usar táticas que ameacem a vida e inibem a autonomia das parceiras e as mulheres táticas que passam pelo gritar e berrar e, ainda, que os homens são os principais autores de abuso sexual.

Em 2007, Straus e Ramirez verificaram que a simetria de género na violência entre parceiros íntimos é semelhante em amostras com características socioculturais muito distintas. Straus (2008) verifica que a bidirecionalidade no uso da violência aplica-se a violência severa (esmurrar, atirar objetos) e a violência menor. Verificam, também, que a dominância de um dos parceiros é um fator de risco para a violência, sendo esta relação mais estreita no caso feminino, sublinhando a necessidade de, na intervenção, se substituir a suposição base de que a violência entre parceiros é o produto do domínio masculino. Stith e colaboradores (2004) defendem que as perspetivas teóricas acerca da VPI se deslocaram de um fator único para quadros multifatorial, os quais sugerem que a violência não é causada simplesmente pelo sistema de crenças patriarcais ou disfunções psicológicas, mas sim o resultado da interação entre várias características do indivíduo e seu ambiente.

Além das perspetivas apresentadas, identificadas por Kurz (1989), importa referir duas outras abordagens. A primeira surge no contexto da Perspetiva Evolucionista², a qual, segundo Goetz e colaboradores (2008), permite ver a VPI como uma forma previsível de agressão produzida por mecanismos evoluidos. Segundo os autores, o problema da incerteza da paternidade desempenha um papel central na VPI; defendendo que a violência física serve para punir e deter a infidelidade sexual feminina; e que a violência sexual serve como uma tática *anti-cuckoldry*³.

De acordo com os resultados de Archer (2013), esta leitura não consegue explicar os resultados dos estudos ocidentais, onde as diferenças de género no controlo e violência entre parceiros estão ausentes. Porém, segundo o autor, existem outros aspetos da violência masculina entre parceiros consistentes com esta explicação, podendo ser aplicada a culturas tradicionais.

A segunda perpectiva propõe a ideia que a violência entre parceiros íntimos não é um fenómeno unitário (Johnson, 1995). Analisando os resultados obtidos pelos movimentos feminista e da violência familiar, estes, segundo Johnson (1995), parecem apontar para conclusões notavelmente diferentes no que toca a algumas características centrais da violência familiar (simetria/assimetria de género, frequência por casal, escalonamento da violência, e reciprocidade da violência). Porém, para o autor, estes resultados sugerem que estas correntes de investigação estão a estudar dois fenómenos diferentes. O primeiro, *terrorismo íntimo*, é visto como produto da tradição patriarcal de controlo das mulheres pelos maridos, envolvendo não só violência como subordinação económica, ameaças, isolamento e outras táticas de controlo, sendo foco do movimento feminista (Johnson, 1995). O segundo,

² Para uma revisão, ver Buss (2014).

³ *Cuckholdry*: custo reprodutivo infligido num homem pela infidelidade sexual de uma mulher ou uma deflexão temporária da sua relação de longo-termo regular (Shackleford, 2005). A sua ocorrência está relacionada com a suspeita de infidelidade sexual (Goetz, Shackelford, Romero, Kaighobadi, & Miner, 2008).

violência de casal comum, resulta do escalonamento de conflito para formas de violência "menor", sendo o foco do movimento da violência familiar (Johnson, 1995).

Johnson (2006) propõe quatro tipos de violência entre parceiros íntimos: terrorismo íntimo, referindo-se às relações em que um dos parceiros é violento e controlador; resistência violenta, em que o parceiro foco de violência é violento mas não controlador, sendo o parceiro violento e controlador; violência de casal situacional, em que existem momentos de violência individuais num contexto em que nenhum dos parceiros é violento ou controlador; controlo violento mútuo, refere-se a violência controladora em que ambos os parceiros são violentos e controladores.

Kelly e Johnson (2008) estendem esta tipologia adicionando um novo tipo de violência, violência instigada pela separação. Esta pode ser desencadeada por uma separação traumática, humilhação pública de um profissional proeminente ou a descoberta de um amante do parceiro, representando uma perda de controlo séria e atípica, estando limitada a um ou dois episódios no início ou final da separação. Os autores decidem alterar a terminologia de terrorismo íntimo para violência coerciva e controladora após participantes da Wingspread Conference (2007, como citado em Kelly & Johnson, 2008) terem expressado alguma relutância no uso do termo em tribunais.

Kelly e Johnson (2008) defendem que as abordagens feminista e da violência familiar podem ser reconciliadas pela examinação das amostras e medidas usadas pera recolher os dados contraditórios e o reconhecimento de que existem diferentes tipos de VPI na nossa sociedade, os quais estão representados nessas amostras. Assim, dados obtidos em abrigos para mulheres, tratamentos mandatados pelo tribunal, relatórios policiais e Urgências são mais prováveis de refletir *violência coerciva e controladora*, ao passo que inquéritos de larga escala mais provavelmente refletem *violência de casal situacional* (Kelly & Johnson, 2008).

1.2 Representações Sociais

"The purpose of all representations is to make something unifamiliar, or infamiliarity itself, familiar" (Moscovici, 2000, p. 37)

O conceito de representação social retoma a noção de representação coletiva de Durkheim (Bidarra, 1986; Vala & Castro, 2013). Segundo Vala e Castro (2013), a perspetiva desenvolvida por Durkheim (1898) pressupõe que as formas características de organização social de cada sociedade dão origem a formas de pensar também características (as *representações coletivas*), as quais se impõem aos indivíduos e justificam as regularidades encontradas nas sociedades e culturas. Porém, de acordo com os autores, esta noção foi considerada insuficiente para explicar a diversidade de ideias e modos de vida que vemos nas sociedades atuais. Segundo Moscovici (2000), as representações sociais devem ser entendidas como uma forma específica de entender, e comunicar, aquilo que já conhecemos. O autor define o conceito de *representações sociais* como "um modo de conhecimento do mundo concreto, sofrendo a influência da ciência, da técnica, da filosofia, sistemas

heterógenos que preenchem funções diferentes na nossa sociedade" (Moscovici, 1976, como citado em Bidarra, 1986).

O conceito de representações sociais, proposto por Moscovici, vem introduzir alterações ao conceito de representações coletivas, de Durkheim (1898). Por um lado, assume que os modelos que servem para explicar a permanência têm que explicar, também, a mudança e identificar os processos que interligam ambas (Vala & Castro, 2013). Nas interações diárias/quotidianas existem *macro-balizas* culturais relativamente estáveis, nas quais se incluem as representações sociais do que é, por exemplo, ser pai ou mãe, que são alvo quer de reforços quer de negociações/contestações contextuais (Castro & Batel, 2008, como citado em Vala & Castro, 2013). O resultado destas negociações assegura a estabilidade, nalguns casos, ou a mudança social, noutros, mudança que pode ser mais lenta ou mais radical (Vala & Castro, 2013). Para Vala e Castro (2013), "o projeto das representações sociais é examinar como se modifica o senso comum ao ser alimentado, não só pela ciência, mas também por todos os outros sistemas sociais; e analisar como tudo isto ocorre por meio da comunicação, que põe as novas ideias ou propostas em circulação na sociedade e, ao mesmo tempo, as vai alterando" (p. 582). Para Bidarra (1986), uma representação é social "na medida em que é partilha por um grupo de indivíduos, produzida coletivamente e, ainda, enquanto preenche a função de construção da realidade e orientação dos comportamentos e comunicações" (p. 375-376).

Tendo como objetivo "tornar algo não-familiar, ou a não-familiaridade em si, familiar", é, segundo Moscovici, necessário ativar dois mecanismos [de um processo de pensamento baseado na memória e conclusões precipitadas (foregone)] (Moscovici, 2000, p. 37). O primeiro, ancoragem, procura ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, e colocalas num contexto familiar (Moscovici, 2000). Ancorar é, então, classificar e dar nome a algo (Moscovici, 2000). O segundo, objetivação, satura a ideia de não-familiaridade com realidade, transformando-a na própria essência da realidade (Moscovici, 2000). Objetivar é descobrir a qualidade icónica de uma ideia ou ser imprecisos, é reproduzir um conceito numa imagem (Moscovici, 2000).

Vala e Castro (2013) identificam três modalidades comunicativas pelas quais as representações sociais podem ser transmitidas. A primeira, *difusão*, tem como propósito principal propor uma abertura a ideias e comportamentos possíveis, nunca de forma imperativa, e fazer circular informação acerca das opções disponíveis; o seu princípio normativo fundamental é a moderação. A segunda, *propagação*, tem como objetivo exercer pressão para a uniformidade, procurando produzir uma norma, uma convergência em torno de uma doutrina aceitável; o corolário deste esforço será uma visão de inovação que se ajuste às normas do grupo. A terceira, *propaganda*, desempenha uma função reguladora, pela afirmação e procura do estabelecimento da identidade, e uma função organizadora do significado, através de dicotomias simplificadoras. Estas dicotomias definem a situação como tendo apenas duas soluções possíveis, uma boa e outra má, sendo a repetição utilizada como fator de homogeneização (Vala & Castro, 2013).

Vala e Castro (2013) sublinham que as representações não são todas Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016 iguais, "enquanto umas se podem encontrar institucionalizadas, estabilizadas e não são questionadas, outras passam por complexos processos de negociação e transformação, antes de estabilizarem, e outras ainda são objeto de polémicas entre grupos" (p. 601). Realçam, também, que as representações sociais interessam-se pelo estudo das *representações em construção* ("in the making"; Moscovici, 1984, como citado em Vala & Castro, 2013).

II - Objectivos

Resolução

(QVC - CMR)

As representações sociais servem como guia da conduta do indivíduo. No caso da VPI, a forma como os indivíduos representam esta temática irá influenciar a forma como agem e reagem à VPI. Assim, pretende-se conhecer e explorar as representações sociais acerca da VPI, através da legitimação desta realidade pelos indivíduos estudados. Paralelamente, pretende-se explorar quais as táticas empregues, pelos indivíduos da nossa amostra, na tentativa de resolução de conflitos no contexto de uma relação íntima. Em termos mais específicos, procura-se:

- -Comparar as representações sociais da VPI entre estudantes e profissionais, e entre sexos
- -Comparar as táticas de resolução de conflito empregues entre estudantes e profissionais, e entre sexos;
- -Comparar as representações sociais e as táticas de resolução de conflitos nas subamostras profissionais e estudantes;
- -Comparar as representações sociais e as táticas de resolução de conflito em subamostras de profissionais e estudantes da mesma área.



Figura 1: Mapa concetual hipotético das relações entre as variáveis em estudo.

(QRVC - HIS)

íntimos

(CTS2)

III - Metodologia

3.1 Descrição da Amostra

A amostra do presente estudo conta com a participação de um total de 1185 sujeitos, dos quais 865 (73%) são estudantes do ensino superior e 320 (27%) são profissionais. A amostra é composta maioritariamente por mulheres (n=961; 81,1%), das quais 700 são estudantes (59,1%) e 261 são profissionais. A maioria dos sujeitos tem entre 18 e 25 anos de idade (69,1%), sendo a idade média global de 25.65 (DP=8.69). Os sujeitos residem maioritariamente na zona Centro (46,4%) e zona Norte (33,0%) de Portugal. Da amostra total, 939 (79,2%) sujeitos estão solteiros, 187 (15,8%) são casados, 17 (1,4%) estão divorciados e 42 (3,5) vivem em união de facto (ver Tabela 1).

Tabela 1. Descrição da amostra - Recolha de dados e variáveis sociodemográficas

	Amostra						
		Estudantes Profissionais		Total			
Variáveis	Categoria	n = 865	(73%)	n = 320	(27%)	N = 1185	
variaveis		n	%	n	%	n	%
						Missings=156	13.2
Recolha	Papel	586	49.5	72	6.1	658	55.5
Recoina	online	279	23.5	92	7.8	371	31.3
						Missings=0	0.0
Sexo	Feminino	700	59.1	261	22.0	961	81.1
Jexu	Masculino	165	13.9	59	5.0	224	18.9
						Missings=0	0.0
Relação	Sim	554	46.8	283	23.9	837	70.6
IXelação	Não	311	26.2	37	3.1	348	29.4
						Missings=1	0.1
	18-25	766	64.6	53	4.5	819	69.1
Idade	26-35	67	5.7	139	11.7	206	17.4
idade	36-45	22	1.9	69	5.8	91	7.7
	>=46	9	8.0	59	5.0	68	5.7
						Missings=0	0.0
	Solteiro	806	68.0	133	11.2	939	79.2
	Casado	37	3.1	150	12.7	187	15.8
Estado Civil	Divorciado	9	8.0	8	0.7	17	1.4
	Viúvo	0	0	0	0	0	0
	União de Facto	13	1.1	29	2.4	42	3.5
						Missings=14	1.2
	Norte	241	20.3	150	12.7	391	33.0
	Centro	456	38.5	94	7.9	550	46.4
	Lisboa e Vale do	93	7.8	49	4.1	142	12.0
	Tejo						
Zona de	Alentejo	20	1.7	8	4.1	28	2.4
Residência	Algarve	9	8.0	7	0.6	16	1.4
	Região Autónoma dos Açores	26	2.2	1	0.1	27	2.3
	Região Autónoma da Madeira	15	1.3	2	0.2	17	1.4

Os estudantes inquiridos frequentam, na sua maioria, os cursos de Enfermagem (n=198; 22,9%), Serviço Social (n=172; 19,9%), Medicina (n=169; 19,6%) e Psicologia (n=122; 14,1%) (ver Tabela 2).

Tabela 2. Descrição da amostra - Curso frequentado

	Estudantes			
Variáveis	Categoria	n = 865	(100%)	
variaveis		n	%	
		Missings=2	0.1	
	Medicina	169	19.5	
Curso	Enfermagem	198	22.9	
Curso	Serviço Social	172	19.9	
	Psicologia	122	14.1	

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

 Engenharias	55	6.3
Outros	149	17.2

Os profissionais inquiridos são maioritariamente médicos (n=94; 29,4%), enfermeiros (n=87; 27,2%) e técnicos de serviço social (n=52; 16,3%) (ver Tabela3).

Tabela 3. Descrição da amostra - Profissão

Dooonigae aa annoo			
	Profissionais		
Variáveis	Categoria	n = 320	(100%)
variaveis		n	%
		Missings=0	0.0
	Médico	94	29.4
Profissão	Enfermeiro	87	27.2
	Assistente Social	52	16.3
	Outro	81	25.3%

No que respeita à história de infância e adolescência, entre os 782 (66%) sujeitos que responderam, a grande maioria afirma ter vivido com pais e irmãos (402; 33,9% [51,4%]), com os pais (178; 15% [22,8%]) ou com os pais e avós (132; 11,1% [16,9%]). No que toca ao testemunho de violência, 36,2% dos sujeitos registam ter assistido a violência verbal e 10,6% reportam ter assistido a violência física entre os pais/cuidadores. Relativamente a castigos físicos por mau comportamento em casa, 53,9% reporta não ter sido alvo de castigos, 19,2% foram alvo de castigos por ambos os pais, 8,5% pela mãe e 4,4% pelo pai. Ter sido alvo de castigos físicos por mau comportamento na escola é indicado por 11,6% dos sujeitos.

Em relação à violência exercida sobre os inquiridos, 13,9% indicam ter sofrido violência verbal por parte dos pais, 9,9% reportam ter sofrido violência verbal por parte de professores e 1,3% dos sujeitos reporta ter sido obrigado à realização de atos sexuais contra a sua vontade.

No que toca à formação sobre VPI, dos 874 (73,8%) sujeitos que responderam à questão, 624 (71,4%) afirmaram não ter tido nenhuma formação sobre a temática. Quando pedido o grau de concordância relativamente à afirmação "No contexto do Curso que frequento, a formação sobre violência nas relações íntimas é importante", dos 869 (73,3%) sujeitos que responderam, 435 (50,1%) concordam totalmente e 338 (38,9%) concordam.

A última questão do Questionário Sociodemográfico inquiria se a violência física e/ou verbal seria mais compreensível se o agressor estivesse sob o efeito de diversas substâncias (álcool, canábis/haxixe, cocaína, crack, outras drogas), sendo que cerca de 80% dos sujeitos responderam que nunca seria mais compreensível (álcool, 80,6%; canábis/haxixe, 82,9%; cocaína, 82,6%; crak, 82,3%; outras, 82,2%).

3.2 Instrumentos de Avaliação

O protocolo de avaliação utilizado é composto por um Questionário Sociodemográfico e Dados Complementares, com duas versões (Estudantes e Profissionais), e três questionários de autorresposta, CTS-2 -The Revised Conflict Tactic Scales, QRVC-HIS - Questionário de Violência Conjugal -Histórias e QVC-CMR -Questionário de Violência Conjugal - Causas,

3.2.1 Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

O questionário, construído pela equipa de investigação envolvida num prjeto mais lato, procura recolher informações acerca do sujeito, suas vivências familiares, formação prévia na área de estudo e grau de legitimação face à violência entre parceiros íntimos.

Assim, num primeiro momento são inquiridos aspetos demográficos relativos ao sujeito (idade, sexo, nacionalidade, raça, religião, estado civil, profissão, entre outras), bem como aos seus pais (estado civil, habilitações literárias e profissões dos pais, rendimento anual bruto do agregado familiar).

Num segundo momento é inquirida a existência, ou não, de formação acerca da problemática em estudo (número de formações, momento da formação, tipo de formação).

Num terceiro momento são inquiridas algumas dinâmicas familiares, relativas à infância e adolescência, do indivíduo. São exploradas situações de violência/abuso entre os pais/cuidadores, o consumo de álcool e/ou drogas entre os mesmo e vitimização dos respondentes.

Por último, é explorada a legitimação da violência conjugal, face ao consumo de diversas drogas.

3.2.2 Escalas de Táticas de Conflitos Revisadas (CTS-2)

Inicialmente desenvolvidas pelo sociólogo Murray Straus, com o objetivo de descrever uma técnica de medição do conflito intrafamiliar no sentido das formas utilizadas para resolver conflitos de interesse⁴ (CTS; Strauss, 1979), e mais tarde revistas (CTS2; Strauss, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996), ambas são conceptualmente baseada na teoria do conflito (cf. Adam, 1965; Coser, 1956; Dahrendorf, 1959; Scanzoni, 1972; Sirnmel, 1955; Straus, 1979), na qual se assume que o conflito é componente inevitável de toda a associação humana, ao passo que a violência como forma de gerir este conflito não o é (Strauss, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996).

O CTS2 é constituído por 39 itens, contendo duas questões cada item (uma relativa ao sujeito e outra relativa ao seu parceiro(a)), perfazendo um total de 78 questões, e tendo um tempo médio de aplicação de 10-15 minutoss (Strauss, 1979). Os itens estão organizados em cinco subescalas⁵: Negociação, Agressão Psicológica, Abuso Físico Sem Sequelas, Coerção Sexual e Abuso Físico Com Sequelas (Alexandra & Figueiredo, 2006; Strauss, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996). A escala Negociação pode ser dividida nas subscalas Cognitiva e Emocional e as restantes quatro escalas em subescalas Ligeiro e Severo (Strauss, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996). Assim, o CTS2 permite calcular trinta resultados diferentes: cinco

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

⁴ Conflito de Interesse é entendido como surgindo do facto de membros de um grupo social, independentemente do tamanho e intimidade, procurarem viver as suas vidas de acordo com agendas pessoais que invariavelmente diferem (Strauss, 1979, p. 76).

⁵ Optámos por apresentar a tradução feita por Alexandra e Figueiredo (2006) dos termos originais utilizados por Strauss e colaboradores (1996), nomeadamente Negotiation, Psychological Agression, Physical Assault, Sexual Coercion e Injury, respetivamente.

escalas x dois tipos de agente (sujeito ou companheiro) x três níveis de severidade (ligeiro, severo, total) (Alexandra & Figueiredo, 2006).

O instrumento permite, ainda, medir a prevalência, definida como a percentagem da amostra que reportou pelo menos uma ocorrência dos atos de cada escala (Strauss, 1979, p. 297), bem como a cronicidade, definida como a frequência com que os atos medidos por cada escala ocorreram entre aqueles indivíduos envolvidos em pelo menos uma instância desses atos (Strauss, 1979, p. 300).

Na validação para a população portuguesa (Alexandra & Figueiredo, 2006), foram encontrados valores de alpha de Cronbach para a consistência interna da escala total para a perpetração de $\alpha = .79$ e para a vitimização de α = .80. Relativamente à perpetração, a escala de Abuso Físico Sem Sequelas apresenta valores de consistência interna mais elevados (α =. 78), seguida das escalas de Negociação (α = .73), Agressão Psicológica (α = .68), Coerção Sexual ($\alpha = .56$) e Abuso Físico Com Sequelas ($\alpha = .50$) (Alexandra & Figueiredo, 2006). No que toca à vitimização, a escala de Abuso Físico Sem Sequelas apresenta valores mais elevados (α =. 74), seguida das escalas de Negociação (α = .71), Agressão Psicológica (α=.64), Coerção Sexual (α = .51) e *Abuso Físico Com Sequelas* ($\alpha = .47$).

No presente estudo⁶ foram encontrados valores de alpha de Cronbach para a consistência interna da escala total para a perpetração de $\alpha = .874$ e para a vitimização de $\alpha = .879$. Relativamente à perpetração, a escala de Negociação (α = .905) apresenta o valor valores de consistência interna mais elevado, seguida da escala de Abuso Físico Sem Seguelas (α =.866), Abuso Físico Com Sequelas ($\alpha = .851$), Agressão Psicológica ($\alpha = .733$) e Coerção Sexual (α = .534). Relativamente à vitimização, a escala de Abuso Físico Com Sequelas ($\alpha = .916$) apresenta valores de consistência interna mais elevados, seguida da escala de Negociação (α = .911), Abuso Físico Sem Seguelas (α =.889), Agressão Psicológica (α = .743) e Coerção Sexual (α = .575).

3.2.3 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

A construção do Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) (Alarcão, Alberto, Camelo, & Correia, 2007) assentou em cinco fatores teóricos: i) legitimação/banalização da violência conjugal; ii) legitimação/justificação da violência pela conduta da vítima; iii) legitimação/justificação da violência por fatores externos; desvalorização/aceitação da violência em favor da privacidade/coesão familiar; v) (im)possibilidade de atribuição da violência ao agressor em função do seu estatuto social, económico e escolaridade (Aguilar, 2010). É constituído por três histórias de violência conjugal, seguidas de dez afirmações, sendo pedido que o sujeito indique o grau de concordância, numa escala tipo Likert de quatro pontos (1= Discordo Plenamente; 2= Discordo; 3=Concordo; 4=Concordo Plenamente), com cada uma das afirmações (Aguilar, 2010).

No estudo de validação da escala (Aguilar, 2010), foi obtido um valor de consistência interna elevado (α =.947). Quando consideradas

⁶ Cf. Anexo II − 1.

separadamente, as três histórias obtiveram valores de consistência interna também elevados, nomeadamente α =0.845 para a "História 1", α =0.906 para a "História 2" e α =0.888 para a "História 3" (Aguilar, 2010)

No presente estudo⁷ os valores de consistência interna são semelhantes, tanto para a escala completa (α =.945), como para as três histórias separadas, concretamente α =.822 no caso da História 1, α =.905 no caso da História 2 e α =.889 no caso da História 3.

3.2.4 Questionário de Violência Conjugal — Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

O Questionário de Violência Conjugal — Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR) (Alarcão, Alberto, Camelo, & Correia, 2007) é constituído por três conjuntos de afirmações relativos a fatores que contribuem para que surja a violência, para que esta se mantenha e para a sua resolução (Aguilar, 2010). Cada um destes conjuntos é composto por catorze afirmações, sendo solicitado ao sujeito que indique, numa escala tipo *Likert* de quatro pontos (1= *Discordo Plenamente*; 2= *Discordo*; 3=Concordo; 4=Concordo Plenamente), o grau de concordância com cada uma das afirmações (Aguilar, 2010).

No estudo de validação da escala (Aguilar, 2010), foram obtidos valores de consistência interna de α =0.878 para o fator de ativação, α =0.830 para o fator de manutenção e α =0.840 para o fator de resolução.

No presente estudo⁸ os valores de consistência interna para o fator de ativação (α =.856), de manutenção (α =.849) e de resolução (α =.814) são, também, semelhantes aos valores obtidos por Aguilar (2010).

3.3 Procedimentos de Investigação

O presente estudo insere-se num projeto de investigação mais lato sobre Representações Sociais da VPI em estudantes do ensino superior e profissionais. A nossa base de dados resulta da junção de dados recolhidos no contexto de investigações anteriores, para o qual foi essencial um trabalho de homogeneização, permitindo a sua análise estatística.

Nestas investigações foram respeitados os procedimentos éticos e formais, fazendo parte do protocolo o Consentimento Informado. Foi realçado aos participantes o carácter voluntário da sua participação na investigação e dada a garantia de confidencialidade das suas respostas. De seguida, foi apresentado o Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares, as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (*The Revised Conflict Tactics Scales* – CTS-2), o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) e o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), nesta ordem.

3.4 Procedimentos Estatísticos

As análises estatísticas foram realizadas através do programa estatístico IBM SPSS (*Stastistical Package for the Social Sciences*), versão 22. Com base

⁷ Cf. Anexo II -2.

⁸ Cf. Anexo II -3.

nas características da amostra, optou-se pela utilização de testes paramétricos e adopção do nível de significância p<.05.

Antes de qualquer outra análise estatística, estudou-se a consistência interna dos instrumentos de avaliação utilizados com vista a averiguar a fiabilidade da amostra em estudo (Pereira & Patrício, 2013), optando-se pelo uso do *alpha de Cronbach*. Procedeu-se, então, à análise descritiva dos instrumentos administrados. Para cada um, utilizou-se o teste *t-student* para verificar se existem diferenças entre sexo, e entre Estudantes e Profissionais.

De seguida explorou-se a existência de diferenças na subamostra de profissionais, recorrendo ao teste *One-way ANOVA*, tendo como VI as áreas profissionais. Repetiu-se este procedimento na subamostra estudantes, sendo a VI as áreas de formação académica.

Por fim, utilizou-se o teste *t-student* para explorar a existência de diferenças entre profissionais e estudantes de uma mesma área.

IV - Resultados

4.1 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

Verificamos que a História 2 tem a média mais elevada (M = 14.58; DP = 4.769), seguida da História 3 (M = 13.07; DP = 3.889) e História 1 (M = 12.60; DP = 3.433).

Relativamente à História 1, o item com maior média (M= 1.69; DP= .863) é o item 6 ("Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela") e o item com menor média (M= 1.11; DP= .364) é o item 7 ("O Arménio tem alguma razão em ficar zangado e em agredir a Manuela porque ela o impede de chegar a horas às reuniões"). Existem diferenças significativas entre sexos (t= -6.175; α = .000), sendo a média masculina (M= 13.86; DP= 4.116) superior à média feminina (M= 12.31; DP= 3.183)⁹. Existem, também, diferenças entre estudantes e profissionais (t= 2.267, α = .024), sendo a média dos estudantes (M= 12.74; DP= 3.538) superior à média dos profissionais(M= 12.23; DP= 3.106)¹⁰.

Relativamente à História 2, o item com maior média (M= 1.85; DP= .861) é o item 8 - "Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem". O item com menor média (M= 1.35; DP= .575) é o item 9 - "Estas zangas da Luísa com o António são usuais nesta idade; até podem provocar alguns acidentes, mas não pode dizer-se que seja uma violência séria". Existem diferenças significativas (t= 4.647; α= .000) entre sexos, sendo a média masculina (M= 15.92; DP= 4.826) superior à média feminina (M= 14.26; DP= 4.702). Porém, não existem diferenças estatisticamente significativas entre estudantes e profissionais (t= .509, α= .611).

Relativamente à História 3, o item com maior média (M= 1.74; DP= .820) é o item 2 - "O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo

Q

⁹ Cf. Anexo III – 1.

 $^{^{10}}$ Cf. Anexo III – 2.

por causa do vinho". O item com menor média (M= 1.18; DP= .419) é o item 4 - "Se a Deolinda nunca precisou de receber cuidados médicos, é porque o marido não é assim tão violento como ela diz". Existem diferenças significativas (t= -5.721; α= .000) entre sexo, sendo a média masculina (M= 14.39; DP= 4.360) superior à média feminina (M= 12.76; DP= 3.707). Existem, também, diferenças entre estudantes e profissionais (t= 2.923, α= .004), sendo a média dos estudantes (M= 13.27; DP= 3.910) superior à média dos profissionais (M=12.54; DP=3.787).

No que toca ao total de histórias, encontram-se diferenças no que toca ao sexo (t= -6.002; α= .000), sendo a média masculina (M= 44.13; DP= 11.828) superior à média feminina (M= 39.32; DP= 10.491). Porém, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre estudantes e profissionais (t= .1.958, α = .051).

4.2 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

Relativamente ao fator *causas*, o item com maior média (M= 2.86; DP= .835) é o item 11 "Antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima". O item com menor média (M= 1.93; DP= .818) é o item 6 "Dificuldades económicas do casal/família". Não existem diferenças significativas (t= -0.442; α = .659) entre os sexo¹¹, nem entre estudantes e profissionais (t= -.538, α = .591)¹².

Relativamente ao fator manutenção, o item com maior média (M=3.51; DP= .631) é o item 1 "Ausência de denúncia da violência conjugal". O item com menor média (M= 2.60; DP= .809) é o item 14 "Interferência de outros familiares". Existem diferenças significativas (t=4.009; $\alpha=.000$) entre sexo, sendo a média feminina (M= 42.87; DP= 6.102) superior à média masculina (M= 40.85; DP= 6.195). Porém, não se encontram diferenças significativas entre estudantes e profissionais (t= -.902, α = .368).

Relativamente ao fator resolução, o item com maior média (M= 3.64; DP= .585) é o item 5 "Proteger a vítima e os filhos, se os houver", sendo o item com menor média (M= 2.76; DP= .859) é o item 11 "Aumentar os direitos da mulher". Existem diferenças significativas (t= 4.438; α= .000) entre sexo, sendo a média feminina (M= 44.87; DP= 5.438) superior à média masculina (M= 42.89; DP= 5.967). Existem, também, diferenças significativas entre estudantes e profissionais (t= -2.565, α = .011), sendo a média dos profissionais (M= 45.18; DP= 5.548) superior à média dos estudantes (M= 44.24; DP= 5.586).

4.3 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (The Revised Conflict Tactics Scales – CTS-2)

Por forma a evitar o enviesamento dos resultados, e visto que as instruções de preenchimento do CTS-2 dizem respeito à "relação atual" do sujeito¹³, foram considerados apenas os sujeitos que, na altura do

¹² Cf. Anexo III – 4.

¹¹ Cf. Anexo III – 3.

 $^{^{13}}$ Cf. Anexo II – 4.

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

preenchimento do protocolo, se encontravam numa relação (N= 837).

No que toca à cronicidade, e ao nível da perpetação, verificamos que a tática mais utilizada para resolver o conflito é a Negociação (M= 72.10; DP= 41.747), sendo importante realçar que esta é vista como uma tática positiva. A segunda tática mais utilizada é a Agressão psicológica (M= 10.15; DP= 15.860), seguida da Coerção Sexual (M= 3.83; DP= 10.075), Abuso físico sem sequelas (M= 2.32; DP= 10.668) e, por fim, o Abuso físico com sequelas (M= .59; DP= 5.192). Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos apenas para a Negociação (t= 2.697, α = .007), sendo a média feminina (M=73.91, DP= 42.201) superior à média masculina (M= 64.56, DP= 39.029)¹⁴. No que toca a Estudantes e Profissionais, foram encontradas diferenças significativas para a Negociação (t= 10.841, α = .000), sendo a média dos estudantes (M= 82.46, DP= 39.686) superior à média dos profissionais (M= 51.83, DP= 38.144), e para a Coerção Sexual (t= -5.596, α = .000), sendo a média dos profissionais (M= 10.945, DP= 3.83) superior à média dos estudantes (M= 2.46, DP= 9.318)¹⁵.

No que concerne à *vitimação*, verificamos que a tática mais reportada é, também, a *Negociação* (M= 71.31; DP= 41.783). A segunda tática mais reportada é a *Agressão psicológica* (M= 7.96; DP= 14.161), seguida da *Coerção Sexual* (M= 3.19; DP= 9.623), *Abuso físico sem sequelas* (M= 1.92; DP= 10.584) e, por fim, o *Abuso físico com sequelas* (M= .47; DP= 4.724). Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos para a *Negociação* (t= 3.137, α = .002), sendo a média feminina (M=73.43, DP= 42.105) superior à média masculina (M= 62.49, DP= 39.327). Comparando Estudantes e Profissionais, foram encontradas diferenças significativas para a *Negociação* (t= 9.315, α = .000), sendo a média dos estudantes (M= 80.34, DP= 40.471) superior à média dos profissionais (M= 53.64, DP= 38.599), e para a *Agressão Psicológica* (t= 2.3726, α = .018), sendo a média dos estudantes (M= 8.79, DP= 14.294) superior à média dos profissionais (M= 6.34, DP= 13.779).

No que diz respeito à *prevalência*, e ao nível da *perpetação*, a tática com maior percentagem de sujeitos que reporta um ou mais actos é a *Negociação* (97.61%), seguida da *Agressão Psicológica* (75.03%), *Abuso físico sem sequelas* (25.69 %), *Coerção sexual* (24.85%) e, por fim, o *Abuso físico com sequelas* (5.38%). Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos apenas para a *Coerção Sexual* (t= -3.267, α = .001), sendo a percentagem masculina (33.33%) superior à percentagem feminina (22.81%)¹⁶. No que toca a Estudantes e Profissionais, foram encontradas diferenças significativas para a *Negociação* (t= -5.864, α = .000), sendo a percentagem de estudantes (99.28%) superior à percentagem de profissionais (94.35%); para a *Agressão Psicológica* (t= -2.493, α = .013), e a percentagem de estudantes (77.80%) superior percentagem de profissionais (69.61%); e para a *Coerção Sexual* (t= -9.663, α = .000), sendo a percentagem de profissionais (38.52%) superior percentagem de estudantes (17.87%)¹⁷.

¹⁵ Cf. Anexo III – 6.

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

¹⁴ Cf. Anexo III – 5.

 $^{^{16}}$ Cf. Anexo III -7.

 $^{^{17}}$ Cf. Anexo III -8.

Verificamos que relativamente à vitimação, a tática com maior percentagem de sujeitos a reportarem que o seu parceiro(a) usa um ou mais actos é a Negociação (97.61%), seguida da Agressão Psicológica (68.22%), Coerção sexual (24.85%), Abuso físico sem sequelas (22.34%), e, por fim, o Abuso físico com sequelas (4.90%). Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos para o Abuso físico sem sequelas (t= -2.507, α = .012), sendo a percentagem masculina (29.63%) superior à percentagem feminina (20.59%). No que toca a Estudantes e Profissionais, foram encontradas diferenças significativas para a Negociação (t= -5.960, α= .000), sendo a percentagem de estudantes (99.28%) superior percentagem de profissionais (94.35%); para a Agressão Psicológica (t= -2.089, α= .037), sendo a percentagem de estudantes (71.30%) superior à percentagem de profissionais (62.19%); e para a Coerção Sexual (t= -3.594, α = .000), sendo a percentagem de profissionais (26.86%) superior percentagem de estudantes (23.83%).

Em termos de táticas violentas¹⁸, 78.61% dos sujeitos reporta ter usado pelo menos uma.

4.4 Influência da Profissão

Na subamostra de Profissionais (N=320), no que toca à legitimação da VPI^{19} , foram encontradas diferenças significativas (F(3,316) = 2.928; p = .034) para a História 2, sendo a média elevada (M= 15.82; DP= 5.449) a do grupo Outro²⁰.

Foram, também, encontradas diferenças significativas (F(3,313) = 3.235; p = .043) para o fator *Causas*, sendo a média (M= 35.69; DP= 7.641) do grupo de médicos a mais elevada.

Relativamente às táticas de resolução de conlitos²¹ e ao nível da perpetação, foram encontradas diferenças significativas na Agressão Psicológica (F(3,279) = 4.176; p = .006), sendo a média mais alta a do grupo Outro (M= 13.22; DP= 15.606), e na *Coerção Sexual* (F(3,279) = 3.560; p = .015), sendo a média mais alta a do grupo Outros (M= 9.68; DP= 12.683). Foram, também, encontradas diferenças significativas (F(4,315) = 3.395; p =.010) no que toca às táticas violentas, sendo a média mais alta a do grupo Outro (M= 28.84; DP= 44.559).

Analisando os resultados obtidos em vitimação, não foram encontradas diferenças significativas para nenhuma das táticas.

4.5 Influência da Área de Estudos

Na subamostra de Estudantes (N=865), no que toca à legitimação da VPI²², foram encontradas diferenças significativas para a História 1 (F(5,849)

²² Cf. Anexo III – 11.

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

¹⁸ Todas as táticas de resolução de conflitos, exceptuando a *Negociação*.

¹⁹ Cf. Anexo III – 9.

²⁰ Por forma a facilitar a análise dos dados, optou-se por agrupar as profissões cuja frequência fosse baixa (N<30) no grupo "Outro". Este grupo inclui as seguintes profissões: auxiliares de saúde, técnicos de análises clínicas, fisioterapeutas, nutricionistas, terapeutas da fala, dentista.

²¹ Cf. Anexo III − 10.

= 8.177; p = .000), para a História 2 (F(5,854) = 7.480; p = .000), para a História 3 (F(5,854) = 9.839; p = .000) e para o Total das Histórias (F(5,847) = 9.627; p = .000, sendo a média elevada, em todos os casos, a do grupo de estudantes de Engenharias.

Foram, também, encontradas diferenças significativas para o fator Manutenção (F(5,820= 28.801; p = .000), sendo a média mais alta (M= 44.46; DP= 4.142) a dos estudantes de medicina, e para o fator Resolução (F(5,830) = 8.494; p = .000), sendo a média mais alta (M= 45.54; DP= 5.515) a dos estudantes de serviço social.

Relativamente às *táticas de resolução de conlitos*²³, considerando apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação, ao nível da *perpetação*, foram encontradas diferenças significativas apenas para a *Negociação* (F(5,547) = 4.129; p = .001), sendo a média mais alta a dos estudantes de psicologia (M= 97.85; DP= 33.742).

No que toca à *vitimação*, foram encontradas diferenças significativas para a *Negociação* (F(5,547) = 3.180; p = .008), sendo a média mais alta a dos estudantes de psicologia (M = 93.85; DP = 34.845).

4.6 Influência da Experiência Profissional

Procurou-se explorar a existência de diferenças entre estudantes e profissionais de uma mesma área. São consideradas as áreas da medicina, enfermagem e serviço social.

4.6.1 Estudantes de Medicina/Médicos

Na subamostra de Estudantes de Medicina (N= 169) e Médicos (N= 94), no que toca à legitimação da VPI²⁴, não foram encontradas diferenças significativas para as Histórias, nem para o Total das Histórias.

No que toca aos fatores, foram encontradas diferenças significativas para o fator $Resoluç\~ao$ (t= -1.999; α = .047), sendo a média dos estudantes (M= 12.77; DP= 3.925) mais alta que a média dos médicos (M= 11.97; DP= 2.784).

Relativamente às *táticas de resolução de conflitos*²⁵, considerando apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação, ao nível da *perpetação*, foram encontradas diferenças significativas para a *Negociação* (t= 4.909; α = .000), sendo a média dos estudantes (M= 81.17; DP= 36.223) superior à média dos médicos (M=55.36; DP= 38.110), e para a *Coerção Sexual*, sendo a média dos médicos (M= 5.10; DP= 9.271) superior à média dos estudantes (M= 2.14; DP= 6.131).

Em vitimação, foram encontradas diferenças significativas apenas para a Negociação (t= 5.251; α = .000), sendo a média dos estudantes (M= 80.25; DP= 37.601) superior à dos médicos (M= 52.21; DP= 38.086).

4.6.2 Estudantes de Enfermagem/Enfermeiros

Na subamostra de Estudantes de Medicina (N= 198) e Médicos (N=

 $^{^{23}}$ Cf. Anexo III - 12.

²⁴ Cf. Anexo III – 13.1.

²⁵ Cf. Anexo III – 14.1.

87), no que toca à legitimação da VPI²⁶, não foram encontradas diferenças significativas para as Histórias, nem para o Total das Histórias.

No que toca aos fatores, foram encontradas diferenças significativas para o fator *Manutenção* (t= 2.165; α = .032), sendo a média dos estudantes (M= 43.92; DP= 5.911) superior à média dos enfermeiros (M= 42.08; DP= 6.885).

Em táticas de resolução de conflitos²⁷, considerando apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação, ao nível da perpetação, foram encontradas diferenças significativas para a Negociação (t= 5.485; $\alpha = .000$), sendo a média dos estudantes (M= 81.46; DP= 40.473) superior à média dos enfermeiros (M= 47.82; DP= 28.785).

No que respeita à vitimação, foram encontradas diferenças significativas apenas para a Negociação (t= 4.136; α = .000), sendo a média dos estudantes (M= 78.81; DP= 41.347) superior à dos enfermeiros (M= 50.51; DP= 40.672).

4.6.3 Estudantes de Serviço Social/Técnicos de Ação Social

Na subamostra de Estudantes de Medicina (N= 169) e Médicos (N= 94), no que toca à legitimação da VPI²⁸, não foram encontradas diferenças significativas para as Histórias, nem para o Total das Histórias.

No que toca aos fatores, não foram encontradas diferenças significativas para nenhum dos fatores.

Relativamente às táticas de resolução de conflitos²⁹, considerando apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação, ao nível da perpetação, foram encontradas diferenças significativas para a Negociação $(t=2.734; \alpha=.008)$, sendo a média dos estudantes (M= 80.83; DP= 42.607) superior à média dos técnicos de ação social (M= 57.30; DP= 45.825) e para a Coerção Sexual (t= -2.650; α = .009), sendo a média dos técnicos de ação social (M= 4.08; DP= 8.687) superior à média dos estudantes (M= 1.00; DP= 4.262).

Estudando a vitimação, foram encontradas diferenças significativas para a Negociação (t= 2.898; α = .005), sendo a média dos estudantes (M= 79.73; DP= 43.820) superior à média dos técnicos de ação social (M= 55.28; DP= 43.958) e para a *Coerção Sexual* (t= -2.650; α = .016), onde a média dos técnicos de ação social (M= 4.33; DP= 9.124) é superior à média dos estudantes (M= 1.33; DP= 4.537).

V - Discussão

Apresentados os resultados, passamos agora a uma reflexão e discussão sobre os mesmos, tendo como linha guia a revisão da literatura apresentada.

5.1 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

²⁷ Cf. Anexo III – 14.2.

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

²⁶ Cf. Anexo III – 13.2.

²⁸ Cf. Anexo III – 13.3.

²⁹ Cf. Anexo III – 14.3.

Os valores obtidos relativamente à legitimação da VPI revelam uma baixa aceitação³⁰, pela amostra total, de comportamentos abusivos. Analisado o total das Histórias, verificamos que os homens tendem a legitimar mais a violência. Manita e colaboradores (2009) indicam que durante muito tempo persistiu a crença de que o homem "tem direito" de bater na mulher, sendo esta violência associada a uma função de "educação/correção", crença que ainda hoje parece persistir. Assim, poderá ser o caso de que esta crença, de que o homem "tem direito" de bater na mulher, leve os homens a legitimar mais a violência que as mulheres.

Analisadas separadamente, a História 2, com o valor de legitimação mais elevado, relata a história de um casal idoso em que a senhora "ralha" e atira objetos ao marido quando está mais cansada. Como nos indica Kurz (1989), a violência feminina está muitas vezes associada à ideia de autodefesa. De acordo com Caldwell e colaboradores (2009), além da autodefesa, também a expressão de emoções negativas é um motivo forte para a perpetração da VPI entre o sexo feminino. Além destes fatores, também a forma como a violência feminina é encarada poderá ter influenciado os resultados. De acordo com os dados de Carlson e Worden (2005), os respondentes tinham menor tendência em classificar os comportamentos agressivos femininos de forma perjorativa, quando comparados com os dos homens. De facto, a violência na intimidade foi, até há pouco tempo, considerado um problema exclusivo das mulheres, sendo ainda um tema controverso e negligenciado (Machado & Matos, 2014).

A História 3, com o valor mais baixo de legitimação, reporta a história de um recém casal de estatuto socioeconómico baixo, em que o marido é violento, parecendo, também, ter alguns problemas com o álcool. Manita e colaboradores (2009) indicam-nos que, apesar da crença de que a VPI ocorre apenas nos estratos socioeconómicos mais desfavorecidos, este tipo de violência "é transversal aos diferentes padrões culturais, religiosos, económicos, profissionais" (p. 23). No que toca ao álcool, os autores afirmam ser incorreto afirmar que a VPI ocorre apenas sob o efeito do álcool (e outras drogas), e acrescentam "mesmo quando consomem álcool, não agridem alvos indiscriminados: habitualmente, embriagam-se fora de casa, mas esperam até chegar a casa para agredir a mulher e/ou os filhos" (p. 24). Assim, seria esperada uma maior legitimação dos comportamentos violentos, não deixando de ser curioso que esta é a História com o menor valor de legitimação.

A História 1, com um valor intermédio de legitimação, reporta a história de um casal de estatuto socioeconómico médio, em que marido é violento, a nível psicológico e, por vezes, a nível físico. Como foi dito anteriormente, a crença de que a violência ocorre apenas nos estratos socioeconímicos mais baixos poderá ter influenciado os resultados, resultando numa maior legitimação. Também os papéis de género, em particular a divisão das tarefas domésticas, poderão ter influenciado os valores.

5.2 Questionário de Violência Conjugal - Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

³⁰ Considerando que os valores para cada História variam entre 10 (min.) e 40 (máx.). Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

No que toca ao fator ativação, os itens com média mais elevada dizem respeito a "antecedentes de violência" e "consumos de álcool e drogas". No que toca aos antecedentes de violência, segundo Gelles (1980), um dos fatores sociais associados à VPI é o ciclo de violência. Segundo o autor, uma das conclusões consistentes da investigação é que indivíduos que tiveram infâncias violentas têm maior probabilidade em tornar-se cônjugues violentos. Como nos dizem Nichols e Schwartz (1998), no contexto do modelo transgeracional, gostamos de pensar que quando saímos de casa e casamos com alguém, mantemos apenas as coisas boas, e deixamos as coisas más. Porém, como nos advertem os autores, "podemos lutar contra a nossa herança, mas ela acaba sempre por nos apanhar" (p. 147). Esta ideia poderá estar difundida na sociedade, ajudando a perceber o valor elevado no item.

Relativamente ao consumo de álcool e drogas, segundo Fagan (1990, como citado em Boles & Miotto, 2003), a maioria do uso de drogas e álcool acontece entre pessoas que não são violentas. Para Boles e Miotto (2003), o uso de álcool e drogas são consistentemente mencionados como ocorrendo antes e durante muitos eventos violentos, levando a uma associação temporal entre os dois. Esta associação temporal está presente na sociedade, sendo um dos mitos identificados por Manita e colaboradores (2009). Porém, a maioria dos estudos no "mundo real" indicam que a relação entre o abuso de substâncias e a violência é extremamente complexa, e moderada por um conjunto de fatores do indivíduo e do ambiente (Boles & Miotto, 2003).

Em relação ao fator manutenção, os itens com média mais elevada dizem respeito à "ausência de denúncia da vítima", a "falta de confiança na justiça" e a "ausência de respostas sociais para a vítima". Como nos indica Martins (2014), uma das maiores dificuldades no que toca a intervenções profissionais prende-se com o silêncio característico destes casos: "o silêncio das vítimas que não revelam o abuso, e dos profissionais de saúde que não o reportam" (p. 316). Como nos indica Dias (2010), apesar de se ter procedido a algumas reformas ao nível da legislação sobre a violência doméstica, as respostas do sistema estão longe de ser completas. Para a autora, as respostas do sistema jurídico-legal e judicial, face à violência doméstica, não só são fundamentais como representam uma frente de batalha determinante para a sua erradicação. Para Duarte (2011), não obstante as modificações legais, parece existir ainda um longo percurso a fazer. Tal parece ser evidente a vários níveis: "em decisões judiciais que nem sempre valorizam a violência exercida sobre as mulheres; em medidas de coacção que não protegem as vítimas; em sanções que traduzem um sentimento de impunidade pelos agressores; em processos demasiadamente morosos e em indemnizações insuficientes atribuídas às vítimas" (Duarte, 2011, p. 10). Para a autora, o caminho mais difícil parece ser o do combate aos mitos e estériótipos acerca da violência de género presentes na sociedade e, também, no seio da comunidade jurídica. A existência de respostas legais que, por vezes, não garantem a proteção da vítima poderá levar a que esta não denuncie a situação de violência.

Verificámos que o fator *resolução*, os dois itens com maior média reportam-se ao "estimular a denúncia" e "proteção da vítima [e filhos]". Decorrendo do que foi dito no ponto anterior, e ressalvando a existência de

legislação relativa à violência doméstica³¹, parece ser importante a criação de respostas mais rápidas e mais completas, promovendo a denúncia de situações de violência e, sobretudo, garantindo a proteção da vítima. O item que no nosso estudo obteve menor média diz respeito ao "aumento dos direitos da mulher". Talvez por a violência ser cada vez mais vista como um processo bidirecional, e não apenas contra as mulheres, este fator não tenha sido considerado como muito importante no que toca à resolução de situações de violência.

5.3 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (The Revised Conflict Tactics Scales - CTS-2)

A tática de resolução de conflitos, ao nível da cronicidade, mais utilizada, tanto pelo sujeito como pelo seu companheiro(a) é a Negociação, congruente com os resultados encontrados em investigações anteriores (cf. Alexandra e Figueiredo, 2006). Importa realçar que esta tática pretende medir a comunicação de afetos positivos, questionando acerca da expressão de sentimentos de preocupação/cuidado e respeito pelo parceiro (Strauss, 1996). Este valor poderá ser entendido como os sujeitos possuindo a capacidade de resolução de conflitos de uma forma positiva. As diferenças encontradas sugerem que as mulheres, mais que os homens, e os estudantes, mais que os profissionais, tendem a recorrer a esta tática positiva de resolução de conflitos.

A segunda tática mais reportada é a Agressão Psicológica, tanto pelo sujeito como pelo seu companheiro(a), seguida da Coerção Sexual, Abuso físico sem seguelas e, por fim, Abuso físico com seguelas. Estes resultados são, também, congruentes com investigações anteriores (cf. Alexandra e Figueiredo, 2006). Contrariamente ao que poderia ser expectável, não são encontradas diferenças para o sexo em nenhuma das táticas violentas. Curiosamente, foram encontradas diferenças entre estudantes e profissionais para a Coerção Sexual, ao nível da perpetação, e Agressão Psicológica, ao nível da vitimação.

No que diz respeito à *prevalência*, verificamos que a quase totalidade dos sujeitos recorreu, em algum momento durante o ano anterior, à Negociação como tentativa de resolução de conflito, e que o mesmo se verifica para o seu companheiro(a). Porém, encontramos, também, taxas bastante elevadas de utilização de táticas violentas para resolução de conflitos. De facto, cerca de 78%³² dos sujeitos recorreu, no último ano, a pelo menos uma tática violenta, e cerca de 73% dos companheiros(as) terão feito o mesmo. Estes valores são bastante superiores aos encontrados em investigações anteriores (cf. Alexandra e Figueiredo, 2006), podendo esta diferença dever-se ao facto de termos optado por apenas considerar para análise os dados de sujeitos que, à data do preenchimento, estavam numa relação.

5.4 Influência da Profissão

Considerando apenas a amostra de profissionais, encontramos

 32 Cf. Anexo III – 7.

³¹ Cf. Lei n.º 112/2009.

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

diferenças na legitimação apenas na História 2, sendo a média mais elevada a do grupo Outro. Esta legitimação é mais forte nos itens 8 (... estar tão cansada com todo o trabalho que tem), 4 (...ela teve sempre uma vida muito difícil) e 6 (... ele não a ajuda nada; antes pelo contrário, dá-lhe mais trabalho). Estes itens reportam-se a fontes de stress externas, como as exigências profissionais, podendo levar a que este grupo de profissionais legitimize mais o recurso à violência, talvez como forma de expressão de emoções negativas (Caldwell, Suzane, Allen, Sullivan, & Snow, 2009).

No que toca aos fatores, existem diferenças ao nível das *causas*, sendo o grupo de médicos o que mais legitimiza, especialmente no que toca aos "antecedentes de violência" e "consumos de álcool ou drogas". Os técnicos de ação social são quem menos legitimam, especialmente no que toca à "doença mental da vítima" e "dificuldades económicas". É interessante notar que o historial familiar e de consumos da pessoa parece levar a que os médicos legitimizem mais, e que a doença mental e dificuldades económicas levam os técnicos de ação social a legitimar menos, especialmente quando considerando que estas são facetas com as quais muito contactam no seu diaa-dia profissional.

No que toca à resolução de conflitos, é interessante realçar que não existem diferenças no que toca às táticas utilizadas pelo companheiro(a) dos profissionais. Porém, ao nível da perpetração, existem diferenças para a *Agressão Psicológica* e para a *Coerção Sexual*, sendo a média mais elevada a do grupo Outros. As táticas mais usadas por este grupo, ao nível da *Agressão Psicológica*, consistem em insultar (item 5) e gritar (item 35); ao nível da *Coerção Sexual*, consistem em ter relações sexuais sem preservativo (item 15).

5.5 Influência da Área de Estudos

Considerando apenas a amostra de estudantes, o grupo de engenharia apresenta valores mais elevados de legitimação para todas as Histórias, e para o total. Esta diferença, bastante consistente, poderá evidenciar uma forte influência da área de estudos na conceção que o estudante tem acerca da VPI.

No que toca aos fatores, a diferença encontrada diz respeito à *manutenção*, sendo os estudantes de medicina quem mais legitimiza, especialmente no que toca à "ausência de denúncia" e "falta de confiança na justiça". É interessante que os estudantes de medicina identifiquem a "ausência de denúncia" como um fator de manutenção, especialmente quando estes podem (e de acordo com a legislação em vigor³³, devem) ter um papel ativo neste processo. Porém, como nos indica Martins (2014), a denúncia é rara, visto que muitos médicos consideram que não são obrigados, nem ética nem legalmente, a fazê-lo. Foram, também, encontradas diferenças no que diz respeito à *resolução*, sendo os estudantes de serviço social quem mais legitimiza, especialmente no que toca à "estimulação de denúncia" e "proteção da vítima". Estes resultados são interessantes na medida em que estes aspetos, especialmente no que toca à proteção, farão parte da sua vida profissional.

Relativamente à resolução de conflitos, os estudantes de psicologia

3

³³ Cf. Artigo 242° do Código do Processo Penal

apresentam valores mais elevados de *negociação*, quer por si, quer pelo seu companheiro(a). Estas diferenças poderão indicar uma influência da área de estudos nas táticas de resolução de conflitos utilizadas, pelo menos na sua componente positiva.

5.6 Influência da Experiência Profissional

Considerando estudantes e profissionais de uma mesma área de formação, verificamos que para nenhum dos grupos foram encontradas diferenças ao nível da legitimação (QRVC-His). Este resultado parece sugerir que a experiência profissional não afeta a forma como os indivíduos legitimizam a VPI, pelo menos no que toca aos grupos considerados.

No que toca aos fatores, os estudantes de medicina apresentam valores mais elevados que os médicos ao nível da *resolução*, os estudantes de enfermagem apresentam valores mais elevados que os enfermeiros ao nível da *manutenção*, não tendo sido encontradas diferenças entre estudantes de serviço social e técnicos de ação social. Estes resultados parecem sugerir que a experiência profissional pode influenciar a concepção do indivíduo relativamente aos fatores associados à VPI, variando esta influência consoante a área profissional, e diríamos, o tipo de contacto que esta exige com pessoas. Porém, investigação futura será necessária para clarificar esta possível influência.

Relativamente à resolução de conflitos, quer ao nível da perpetação quer da vitimação, os estudantes apresentam consistentemente valores mais elevados para a negociação. Este dado parece indicar que a utilização de estratégias de negociação diminui com o passar do tempo, associado ao aumento da experiência profissional. Porém, é interessante notar que, à excepção da coerção sexual, que abordamos de seguida, não são encontradas diferenças na utilização de estratégias violentas. Questionamo-nos, então, sobre esta diminuição na utilização de estratégias positivas na resolução de conflito. Estará esta diminuição associada a fatores externos, como a exigência profissional, por exemplo, que deixa menos tempo para conversar? Ou estará associada a fatores internos da relação do indivíuo, a formação de rotinas, de um "estilo pessoal", existindo menor "quantidade" mas maior "qualidade" de negociação? Esta é uma questão interessante que necessita de ser clarificada em investigações futuras.

Além das diferenças ao nível da *negociação*, foram encontradas diferenças para a *coerção sexual*. Ao nível da perpetação, médicos e técnicos de ação social apresentam valores mais elevados que estudantes; ao nível da vitimação, técnicos de ação social apresentam valores mais elevados que estudantes. O item com maior média, item 15³⁴, diz respeito ao uso do preservativo. Surge a hipótese de que estas difereças estejam relacionadas com uma maior (estudantes) ou menor (profissionais) banalização do uso do preservativo. Seria importante incluir esta questão em investigações futuras.

³⁴ CTS-2, item 15: "Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo". Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

VI - Conclusões

Nos últimos 40 anos, a VPI evoluiu de um problema social emergente para um crime socialmente inaceitável (Messing, Ward-Lasher, Thaller, & Bagwell-Gray, 2015). Apesar das reformas recentes ao nível da legislação (para uma revisão, cf. Duarte, 2011) acerca da violência doméstica, as respostas do sistema estão ainda longe de ser completas (Dias, 2010).

A investigação tem vindo a documentar uma relação entre as crenças que suportam a violência doméstica e atos de violência doméstica (Nabors, Dietz, & Jasinski, 2006), pelo que o estudo não só da incidência de atos violentos no contexto de uma relação, mas também das representações que os indivíduos têm acerca deste fenómeno se torna especialmente relevante. Esperamos, com o presente estudo, ter contribuído para uma melhor compreensão deste fenómeno.

Os resultados apontam no sentido de uma baixa legitimação de comportamentos violentos, existindo algumas diferenças entre os sexos, com os homens a legitimar mais os comportamentos violentos. Parecem, também, existir algumas diferenças entre estudantes e profissionais, tendendo os estudantes a legitimar mais.

No que concerne os fatores, não parecem existir diferenças ao nível das *causas* da VPI, existindo, porém, diferenças ao nível da *manutenção* e da *resolução*. Estas diferenças parecem variar com a área de estudos e com a experiência profissional, tendendo os estudantes a apresentar valores mais elevados. Ao nível do sexo, as mulheres tendem, também, a apresentar valores mais elevados que os homens.

Relativamente à resolução de conflitos, é interessante notar a inexistência de diferenças, entre sexo e entre profissionais/estudantes, em grande parte das táticas avaliadas. Porém, ao nível da *negociação*, os estudantes apresentam valores sistematicamente mais elevados que os profissionais, tanto para a perpetação como para a vitimação. Por sua vez, os profissionais tendem a apresentar valores mais elevados para a *coerção sexual*.

Apesar de a *negociação*, vista como tática positiva de resolução de conflitos, ser a tática mais utilizada pelos sujeitos, sendo, inclusive, utilizada pela quase totalidade de sujeitos, estes tendem a usar táticas violentas com alguma frequência. Esta aparente paradoxalidade poderá ser útil na compreensão da violência, e no próprio desenho de intervenções direcionadas à VPI. Antes de desenvolvermos esta temática um pouco mais, iremos abordar as limitações inerentes ao presente estudo.

6.1 Limitações

Existem algumas limitações do nosso estudo empírico que será importante abordar. A primeira prende-se com a disparidade na representatividade dos sexos, com uma clara maioria de respondentes femininos. Esta diferença de representação poderá ter influenciado os resultados, pelo que será importante tentar, em investigações futuras, obter amostras mais equilibradas. Será, também, importante incluir na amostra psicólogos, pelo seu contacto priveligiado com esta temática.

A recolha dos dados foi feita em papel, tendo o questionário sido Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

disponibilizado *online*, constituindo outra forma de recolha de dados. A recolha *online* de dados não é uma prática consensual, tendo riscos associados, nomeadamente que apenas os indivíduos com opiniões fortes acerca do tópico tenham respondido (Gutmanis, Beynon, Tutty, Wathen, & MacMillan, 2007). Porém, existem investigadores que consideram benéfico o uso de questionários *online* no que toca à temática da VPI (cf. Fass, Benson, & Leggett, 2008).

Outra possível limitação prende-se com a desejabilidade social, que não foi controlada. Tratando-se de um tópico especialmente sensível, será importante que investigações futuras procurem controlar esta variável, apesar de os dados de Alexandra e Figueiredo (2006) indicarem uma baixa interferência desta variável.

Por fim, importa referir as limitações decorrentes do próprio protocolo. No seu todo, o protocolo de investigação utilizado é um pouco longo, o que poderá ter suscitado algum desisteresse ou desinvestimento no seu preenchimento, enviesando, assim, os resultados obtidos.

No que toca ao CTS-2, a tradução da opção de resposta A, "Isso aconteceu-me noutra(s) relação(ões)"³⁵, inviabiliza, na nossa opinião, o cálculo da prevalência global, pelo que esses dados não são apresentados. No que toca ao QRVC-His, apesar de serem referidos cinco fatores teóricos na sua construção, realizámos o seu estudo estatístico e verificámos que os itens saturam fortemente em apenas um fator, entendido como legitimação. Seria aconselhável uma revisão do instrumento. Algo semelhante acontece com o QVC-CMR, em que é referida a possibilidade de agrupar os itens em três condições³⁶, porém não são identificados que itens pertencem a cada condição, nem qual a sua viabilidade. Seria importante clarificar um pouco mais estas condições e suas propriedades psicométricas.

6.2 Considerações Finais

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, deparámo-nos com a utilização, por diferentes autores, de diferentes termos para se referirem à VPI (a título de exemplo, *violência conjugal*, *violência doméstica*, *violência entre parceiros*, entre outros). Estas diferenças terminológicas também se refletem ao nível conceptual, pois cada terminologia adopta uma concepção semelhante, mas ligeiramente diferente, das restantes. Deparamo-nos, assim, com um campo de pesquisa unido na sua preocupação de melhor compreender o fenómeno da violência no contexto de relações íntimas, mas segregado nos conceitos que subjazem a esta pesquisa.

Ao nível mais prático, são vários os autores que referem a tendência de utilização de intervenções "estandardizadas"³⁷, que, ao nível do trabalho social, falham na adesão ao valor da autodeterminação do cliente e ao princípio prático de ir ao encontro do cliente (Messing, Ward-Lasher, Thaller, & Bagwell-Gray, 2015). Para Jessica e Day (2015), esta tendência em tratar

1

³⁵ No seu original, 7: "Not in the past year, bur it did happen before".

³⁶ Referimo-nos a i) relacionadas com o agressor, ii) associadas à vítima e iii) relativas ao contexto.

³⁷ Tradução livre do original "one-size-fits-all".

agressores como um grupo homogéneo terá dificultado o trabalho ao nível dos programas de prevenção e mudança, cujos resultados poderão ser melhorados pelo desenvolvimento de respostas ajustadas a características da pessoa e da própria ofensa. De acordo com Stith e colaboradores (2012), a literatura tem vindo a documentar a eficácia limitada dos modelos de tratamento *unigénero*. Para estes autores, os interesses dos clientes serão melhor servidos pelo desenvolvimento de intervenções eficazes que se focam na eliminação da violência relacional, ao mesmo tempo que honram as lições do passado, ao prestar atenção a questões de poder e segurança.

Assim, e como nota final, parece-nos importante sugerir uma mudança de paradigma. Não obstante o valor inerente às tentativas recentes de ver a violência como um fenómeno multifacetado (cf. Kelly e Johnson, 2008), parece-nos mais interessante olhar para a violência no contexto de relações íntimas não como um fenómeno mas como um processo. Os comportamentos violentos surgem no contexto de uma relação, e mais importante que determinar quem é o *agressor* e quem é a *vítima*, parece-nos, é compreender como estas trocas relacionais entre dois indivíduos com uma ligação de intimidade facilitam ou protegem do aparecimento de comportamentos violentos.

Esta é uma questão que precisa de ser explorada em maior detalhe, o que vai além dos objetivos da presente investigação. Fica, porém, a ideia.

Bibliografia

- Aguilar, M. (2010). Representações sociais em torno da violência conjugal: estudo de validação do questionário de violência conjugal: histórias (QRVC-HIS) e do questionário de violência conjugal: causas, manutenção e resolução (QVC-CMR) com uma amostra da população geral. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das "Escalas de Táticas de Conflito Revisadas": estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (2), 14-39.
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners. A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*, 7, 313-351.
- Archer, J. (2013). Can evolutionary principles explain patterns of family violence? *Psychological Bulletin*, 139 (2), 403-440.
- Archer, J., & Graham-Kevan, N. (2003). Do Beliefs About Aggression Predict Physical Aggression to Partners? *AGGRESSIVE BEHAVIOR*, 29, 41-54.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2015a). *Estatísticas APAV Relatório Anual 2014*. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2015b). *Estatísticas APAV. Crimes de Violência Doméstica 2013-2014*. Lisboa: APAV.
- Barner, J. R., & Carney, M. M. (2011). Interventions for Intimate Partner Violence: A Historical Review. *Journal of Family Violence*, 235-244.
- Bidarra, M. G. (1986). O estudo das representações sociais: Considerações teórico-conceptuais e metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 20, 369-390.
- Boles, S. M., & Miotto, K. (2003). Substance abuse and violence A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 8, 155-174.
- Buss, D. M. (2014). *Evolutionary psychology: The new science of the mind.* New York: Taylor & Francis Inc.
- Caldwell, J. E., Suzane, C. S., Allen, C. T., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2009). Why I Hit Him: Women's Reasons for Intimate. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18, 672-697.
- Carlson, B. E., & Worden, A. P. (2005). Attitudes and Beliefs About Domestic Violence: Results of a Public Opinion Survey I. Definitions of Domestic Violence, Criminal Domestic Violence, and Prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 1197-1218.
- Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 245-262.
- Dixon, L., & Graham-Kevan, N. (2011). Understanding the nature and etiology of intimate partner violence and implications for practice and policy. *Clinical Psychology Review*, *31*, 1145-1155.
- Dobash, R., & Dobash, E. (2004). Women's Violence to Men in Intimate Relationships. *British Journal of Criminology*, *44*, 324-349.
- Duarte, M. (2011). Violência Doméstica e a sua criminalização em Portugal: Obstáculos à aplicação da Lei. *Sistema Penal & Violência*, 1-12.
 - Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

- Dutton, D. G., & Nicholls, T. L. (2005). The gender paradigm in domestic violence research and theory: Part 1 The conflict of theory and data. *Agression and Violent Behaviour*, 680-714.
- Fass, D. F., Benson, R. I., & Leggett, D. G. (2008). Assessing Prevalence and Awareness of Violent Behaviors in the Intimate Partner Relationships of College Students Using Internet Sampling. *Journal of College Student Psychotherapy*, 22 (4), 66-75.
- Forty-Ninth World Health Assembly. (1996). Prevention of violence: a public health priority. *Hbk Res.*, *Vol. III (3rd ed.), 1.11.*
- Gelles, R. J. (1980). Violence in the Family: A review of research in the seventies. *Journal of Marriage and the Family*, 873-885.
- Goetz, A. T., Shackelford, T. K., Romero, G. A., Kaighobadi, F., & Miner, E. J. (2008). Punishment, proprietariness, and paternity: Men's violence against woman from an evolutionary perspective. *Aggression and Violent Behavior*, *13*, 481-489.
- Gutmanis, I., Beynon, C., Tutty, L., Wathen, C. N., & MacMillan, H. L. (2007). Factors influencing identification of and response to intimate partner violence: a survey of physicians and nurses. *BMC Public Health*, 7:12.
- Hamberger, L. K. (2005). Men's and Women's Use of Intimate Partner Violence in Clinical Samples: Toward a Gender-Sensitive Analysis. *Violence and Victims*, 20 (2), 131-151.
- Hamberger, L. K., & Larsen, S. E. (2015). Men's and Women 's Experience of Intimate Partner Violence: A Review of Ten Years of Comparative Studies in Clinical Samples; Part I. *Journal of Family Violence*, *30*, 699-717.
- Jansen, H., Heise, L., Watts, C., & García-Moreno, C. (2008). Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO multicountry study on woman's health and domestic violence: an observational study. *The Lancet*, *371*, 1165-1172.
- Jessica, B., & Day, A. (2015). Intimate Partner Violence Perpetrator Subtypes and their Developmental Origins: Implications for Prevention and Intervention. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy, 36 (3)*, 371-379.
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal terrorism and common couple violence: Two forms of violence against women. *Journal of Marriage and the Family*, *57*, 283-294.
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and Control: Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. *Violence Against Women, 12 (11)*, 1003-1018.
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation Among Types of Intimate Partner Violence: Research Update and Implications for Interventions. *Family Court Review*, 46 (3), 476-409.
- Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization .
- Kurz, D. (1989). Social Science Perspectives on Wife Abuse: Current Debates and Future Directions. *Gender & Society*, *3* (4), 489-505.
- Machado, A., & Matos, M. (2012). Homens de quem não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. *Psiquiatria, Psicologia &*Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

 João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

Justiça, 5, 5-28.

Machado, A., & Matos, M. (2014). Homens vítimas na intimidade: análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia & Sociedade*, 26 (3), 726-736.

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para Intervir - Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas*. Lisboa: Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género.

Martins, H. (2014). Victims of Intimate Partner Violence. The Physician's Intervention in the Portuguese National Health Service. *Journal of Family Violence*, 29, 315-322.

Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: Representações e práticas. *Teoria e Sociedade*, *21.1*, 87-111.

Messing, J. T., & Thaller, J. (2014). Intimate Partner Violence Risk Assessment: A Primer for Social Workers. *British Journal of Social Work*, 1804-1820.

Messing, J. T., Ward-Lasher, A., Thaller, J., & Bagwell-Gray, M. E. (2015). The State of Intimate Partner Violence Intervention: Progress and Continuing Challenges. *Social Work*, *60* (*4*), 305-313.

Moscovici, S. (2000). *Social Representations: Explorations in social psychology*. Cambridge, UK: Polity Press.

Nabors, E. L., Dietz, T. L., & Jasinski, J. L. (2006). Domestic Violence Beliefs and Perceptions Among College Students. *Violence and Victims*, *21*, 779-795.

Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). Structural Family Therapy. Em M. P. Nichols, & R. C. Schwartz, *Family Therapy: Concepts and Methods* (4 ed., pp. 241-269). Boston: Allyn and Bacon.

Pereira, A., & Patrício, T. (2013). *Guia prático de utilização SPSS:* análise de dados para ciências sociais e psicologia (8 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Rennison, C., & Rand, M. R. (2003). Nonlethal Intimate Partner Violence Against Women: A Comparison of Three Age Cohorts. *VIOLENCE AGAINST WOMEN*, *3*, 1417-1428.

Saltzman, L. E., Fanslow, P. M., & Shelley, G. A. (1999). *Intimate Partner Violence Surveillance: Uniform definitions and recommended data elements, Version 1.0.* Atlanta (GA): National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.

Stith, S. M., McCollum, E. E., Amanor-Boadu, Y., & Smith, D. (2012). Systemic perspectives on intimate partner violence treatment. *Journal of Marital and Family Therapy*, *38* (1), 220-240.

Stith, S. M., Smith, D. B., Penn, A. E., Ward, D. B., & Tritt, D. (2004). Intimate partner physical abuse perpetration and cictimization risk factors: A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*, *10*, 65-98.

Straus, M. (1980). Victims and Aggressors in Marital Violence. *American Behavioral Scientist*, 23 (5), 681-704.

Straus, M. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth*Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

Services Review, 30, 252-275.

Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2007). Gender Symmetry in Prevalence, Severity, and Chronicity of Physical Aggression Against Dating Partners by University Students in Mexico and USA. *Aggressive Behaviour*, *9*, 281-290.

Strauss, M. A. (1979). Measuring Intrafamily Conflict and Violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 75-88.

Strauss, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues*, *17* (3), 283-316.

Vala, J., & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. Em J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (pp. 569-715). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Winek, J. L. (2010). Bowenian Family Therapy. Em J. L. Winek, *Systemic Family Therapy: From Theory to Practice* (pp. 81-105). SAGE Publications.

World Health Organization. (2012). *Understanding and addressing violence against women*. WHO Press.

World Health Organization. (2014). *GLOBAL STATUS REPORT ON VIOLENCE PREVENTION 2014*. Geneva: World Health Organization .

Yoshihama, M., & Tolman, R. M. (2015). Using Interactive Theater to Create Socioculturally Relevant Community-Based Intimate Partner Violence Prevention. *American Journal of Comunity Psychology*, *55*, 136-147.

Anexo II: Consistência Interna dos Instumentos de Avaliação

1. Escala de Táticas de Conflitos Revisadas (CTS-2)

Tabela 1. Alpha de Cronbach para a Perpetração (CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.79	34

Tabela 2. Alpha de Cronbach para a Vitimação (CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.80	34

Tabela 3. Alpha de Cronbach para a Negociação (Perpetração - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.905	6

Tabela 4. Item-Total Statistics: Negociação (Perpetração - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 1	15.80	84.524	.795	.879
CTS-2 -13	15.93	83.767	.700	.894
CTS-2 -39	16.84	82.885	.764	.884
CTS-2 -3	15.80	83.781	.809	.877
CTS-2 -59	17.85	88.875	.664	.898
CTS-2 -77	17.65	87.977	.703	.893

Tabela 5. Alpha de Cronbach para a Negociação (Vitimação - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.905	6

Tabela 6. Item-Total Statistics: Negociação (Vitimação - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 2	15.77	82.597	.805	.889
CTS-2 -14	15.62	82.295	.777	.893
CTS-2 -40	16.84	81.046	.769	.894
CTS-2 -4	15.81	82.067	.816	.888
CTS-2 - 60	17.91	87.896	.649	.911
CTS-2 -78	17.56	85.624	.714	.902

Tabela 7. Alpha de Cronbach para a Agressão Psicológica (Perpetração – CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.733	8

Tabela 8. Item-Total Statistics: Agressão Psicológica (Perpetração - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 5	3.22	19.071	.524	.692
CTS-2 -35	3.25	18.464	.631	.656
CTS-2 -49	3.63	21.575	.579	.672
CTS-2 -67	3.60	21.352	.543	.680
CTS-2 -25	3.99	24.545	.336	.724
CTS-2 -29	4.30	28.008	.383	.728
CTS-2 -65	4.33	28.536	.343	.731
CTS-2 -69	4.33	28.319	.383	.731

Tabela 9. Alpha de Cronbach para a Agressão Psicológica (Vitimação - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.743	8

Tabela 10. Item-Total Statistics: Negociação (Vitimação - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 6	2.77	16.567	.601	.680
CTS-2 -36	2.65	16.080	.614	.678
CTS-2 -50	3.07	19.177	.541	.695
CTS-2 -68	2.91	18.165	.534	.696
CTS-2 -26	3.23	21.114	.358	.732
CTS-2 -30	3.56	24.032	.415	.736
CTS-2 -66	3.57	24.390	.294	.744
CTS-2 -70	3.58	24.383	.357	.741

Tabela 11. Alpha de Cronbach para Abuso físico sem sequelas (Perpetração - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.866	12

Tabela 12. Item-Total Statistics: Abuso físico sem sequelas (Perpetração – CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 7	.78	11.394	.438	.879
CTS-2 -9	.95	11.943	.668	.847
CTS-2 -17	.79	10.966	.507	.873
CTS-2 -45	.96	12.360	.571	.854
CTS-2 -53	.95	12.479	.621	.851

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

CTS-2 -21	1.00	12.708	.778	.848
CTS-2 -27	.99	12.547	.765	.847
CTS-2 -33	1.01	13.068	.747	.852
CTS-2 -37	.98	12.804	.559	.855
CTS-2 -43	1.01	13.194	.748	.854
CTS-2 -61	1.00	13.088	.534	.858
CTS-2 -73	1.00	13.046	.716	.853

Tabela 13. Alpha de Cronbach para a Abuso físico sem sequelas (Vitimação - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.889	12

Tabela 14. Item-Total Statistics: Abuso físico sem sequelas (Vitimação - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 8	.79	11.904	.544	.887
CTS-2 -10	.86	12.075	.682	.875
CTS-2 -18	.76	11.630	.533	.892
CTS-2 -46	.87	12.158	.630	.878
CTS-2 -54	.88	12.516	.715	.875
CTS-2 -22	.92	12.940	.752	.876
CTS-2 -28	.92	13.097	.789	.877
CTS-2 -34	.91	12.986	.603	.880
CTS-2 -38	.86	12.423	.478	.890
CTS-2 -44	.93	13.000	.731	.877
CTS-2 -62	.93	13.342	.754	.879
CTS-2 -74	.91	13.178	.678	.879

Tabela 15. Alpha de Cronbach para a Coerção Sexual (Perpetração - CTS2)

Alpha de Cronbach	N⁰ de itens
.534	7

Tabela 16. Item-Total Statistics: Coerção Sexual (Perpetração – CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 15	.33	3.420	.177	.856
CTS-2 -59	.96	6.433	.421	.455
CTS-2 -63	1.01	6.596	.455	.458
CTS-2 - 19	1.03	6.690	.534	.456
CTS-2 - 47	1.05	7.087	.554	.483
CTS-2 - 57	1.03	6.831	.541	.465
CTS-2 - 75	1.04	6.927	.560	.471

Tabela 17. Alpha de Cronbach para a Coerção Sexual (Vitimação - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.575	7

Tabela 18. Item-Total Statistics: Coerção Sexual (Vitimação – CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 16	.49	4.204	.188	.772
CTS-2 -52	.87	6.023	.441	.488
CTS-2 -64	.92	6.440	.391	.513
CTS-2 -20	.99	6.835	.549	.512
CTS-2 -48	1.00	7.052	.522	.527
CTS-2 -58	.96	6.601	.378	.520
CTS-2 - 76	.98	6.767	.512	.511

Tabela 19. Alpha de Cronbach para a Abuso físico com sequelas (Perpetração - CTS2)

Alpha de Cronbach	N⁰ de itens
.851	6

Tabela 20. Item-Total Statistics: Abuso fisíco com sequelas (Perpetração - CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 11	.16	1.820	.476	.902
CTS-2 -71	.21	2.181	.754	.813
CTS-2 -23	.22	2.136	.860	.800
CTS-2 -31	.22	2.121	.836	.801
CTS-2 -41	.19	2.047	.523	.854
CTS-2 -55	.22	2.152	.873	.801

Tabela 21. Alpha de Cronbach para a Abuso físico com sequelas (Vitimação - CTS2)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.916	6

Tabela 22. Item-Total Statistics: Abuso físico com sequelas (Vitimação – CTS2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
CTS-2 - 12	.14	1.713	.624	.939
CTS-2 -72	.18	1.927	.768	.301
CTS-2 -24	.17	1.790	.854	.888
CTS-2 -32	.18	1.918	.909	.887
CTS-2 -42	.18	1.927	.726	.906
CTS-2 -56	.18	1.910	.893	.888

2. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

Tabela 23. Alpha de Cronbach para a História 1 (QRVC-HIS)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.822	10

Tabela 24. Item-Total Statistics: História 1 (QRVC-HIS)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QRVC-HIS-1 – 1	11.44	9.982	.548	.810
QRVC-HIS-1 - 2	11.35	9.377	.595	.804
QRVC-HIS-1 - 3	11.44	9.805	.685	.801
QRVC-HIS-1 – 4	11.45	9.903	.622	.805
QRVC-HIS-1 - 5	11.38	9.798	.536	.810
QRVC-HIS-1 - 6	10.91	9.270	.329	.852
QRVC-HIS-1 - 7	11.48	10.107	.649	.807
QRVC-HIS-1 - 8	11.07	8.943	.474	.824
QRVC-HIS-1 - 9	11.39	9.869	.558	.809
QRVC-HIS-1 – 10	11.44	9.887	.650	.804

Tabela 25. Alpha de Cronbach para a História 2 (QRVC-HIS)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.905	10

Tabela 26. Item-Total Statistics: História 2 (QRVC-HIS)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QRVC-HIS-2 – 1	13.19	18.825	.690	.894
QRVC-HIS-2 - 2	13.21	18.826	.708	.893
QRVC-HIS-2 - 3	13.22	18.840	.730	.892
QRVC-HIS-2 – 4	13.15	18.704	.642	.897
QRVC-HIS-2 - 5	13.04	18.617	.566	.902
QRVC-HIS-2 - 6	13.13	18.680	.659	.895
QRVC-HIS-2 - 7	13.19	18.592	.751	.890
QRVC-HIS-2 – 8	12.73	17.708	.592	.904
QRVC-HIS-2 - 9	13.22	18.705	.745	.891
QRVC-HIS-2 – 10	13.13	18.635	.656	.896

Tabela 27. Alpha de Cronbach para a História 3 (QRVC-HIS)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.889	10

Tabela 28. Item-Total Statistics: História 3 (QRVC-HIS)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QRVC-HIS-3 – 1	11.63	12.139	.559	.885
QRVC-HIS-3 - 2	11.33	11.586	.514	.897
QRVC-HIS-3 - 3	11.83	12.566	.663	.876
QRVC-HIS-3 - 4	11.89	12.702	.753	.873
QRVC-HIS-3 - 5	11.84	12.705	.635	.878

QRVC-HIS-3 - 6	11.77	12.554	.598	.880
QRVC-HIS-3 - 7	11.82	12.348	.721	.873
QRVC-HIS-3 - 8	11.78	12.250	.659	.876
QRVC-HIS-3 - 9	11.88	12.683	.718	.874
QRVC-HIS-3 - 10	11.85	12.512	.722	.873

Tabela 29. Alpha de Cronbach para o total das Histórias (QRVC-HIS)

Alpha de Cronbach	N⁰ de itens
.945	30

Tabela 30. Item-Total Statistics: total das Histórias (QRVC-HIS)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QRVC-HIS-1 – 1	39.06	113.880	.537	.945
QRVC-HIS-1 - 2	38.97	112.065	.576	.944
QRVC-HIS-1 - 3	39.07	113.598	.624	.944
QRVC-HIS-1 - 4	39.07	113.472	.619	.944
QRVC-HIS-1 - 5	39.00	113.464	.515	.945
QRVC-HIS-1 - 6	38.54	111.259	.397	.947
QRVC-HIS-1 - 7	39.11	114.542	.587	.944
QRVC-HIS-1 - 8	38.70	110.432	.504	.945
QRVC-HIS-1 - 9	39.02	113.742	.525	.945
QRVC-HIS-1 - 10	39.07	113.612	.621	.944
QRVC-HIS-2 - 1	38.83	110.530	.674	.943
QRVC-HIS-2 - 2	38.86	110.587	.679	.943
QRVC-HIS-2 - 3	38.86	110.392	.719	.943
QRVC-HIS-2 - 4	38.79	110.441	.612	.944
QRVC-HIS-2 - 5	38.68	110.061	.561	.945
QRVC-HIS-2 - 6	38.77	110.529	.616	.944
QRVC-HIS-2 - 7	38.83	109.996	.722	.943
QRVC-HIS-2 - 8	38.37	108.411	.562	.945
QRVC-HIS-2 - 9	38.87	110.165	.724	.943
QRVC-HIS-2 - 10	38.77	110.405	.616	.944
QRVC-HIS-3 - 1	38.79	111.177	.555	.944
QRVC-HIS-3 - 2	38.48	109.188	.547	.945
QRVC-HIS-3 - 3	38.98	112.359	.636	.944
QRVC-HIS-3 - 4	39.04	112.631	.723	.943
QRVC-HIS-3 - 5	38.99	112.633	.624	.944
QRVC-HIS-3 - 6	38.92	112.174	.594	.944
QRVC-HIS-3 - 7	38.98	111.554	.709	.943
QRVC-HIS-3 - 8	38.93	111.056	.679	.943
QRVC-HIS-3 - 9	39.04	112.675	.687	.943
QRVC-HIS-3 - 10	39.00	112.131	.699	.943

3. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

Tabela 31. Alpha de Cronbach para o fator Ativação (QVC-CMR)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.856	14

Tabela 32. Item-Total Statistics: fator Ativação (QVC-CMR)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QVC-C1	31.32	43.061	.521	.846
QVC-C2	31.34	44.087	.432	.851
QVC-C3	31.94	43.196	.459	.850
QVC-C4	31.49	43.490	.444	.850
QVC-C5	31.99	42.779	.506	.847
QVC-C6	32.12	43.900	.442	.850
QVC-C7	31.62	42.738	.493	.848
QVC-C8	31.92	42.349	.580	.843
QVC-C9	32.01	42.328	.604	.841
QVC-C10	31.35	42.109	.601	.841
QVC-C11	31.19	43.464	.469	.849
QVC-C12	31.49	43.591	.405	.853
QVC-C13	31.46	42.685	.555	.844
QVC-C14	31.37	42.445	.560	.844

Tabela 33. Alpha de Cronbach para o fator Manutenção (QVC-CMR)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.849	14

Tabela 34. Item-Total Statistics: fator Manutenção (QVC-CMR)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QVC-M1	38.86	34.295	.439	.843
QVC-M2	39.05	33.613	.478	.840
QVC-M3	39.53	32.792	.468	.841
QVC-M4	39.42	32.724	.451	.843
QVC-M5	39.33	33.190	.519	.838
QVC-M6	39.42	32.588	.525	.837
QVC-M7	39.27	33.377	.544	.837
QVC-M8	39.09	33.508	.493	.840
QVC-M9	39.49	32.035	.555	.835
QVC-M10	39.53	32.900	.492	.840
QVC-M11	39.07	33.067	.590	.835
QVC-M12	39.21	32.977	.546	.837
QVC-M13	39.75	32.861	.432	.844
QVC-M14	39.76	33.449	.414	.845

Tabela 35. Alpha de Cronbach para o fator Ativação (QVC-CMR)

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.814	14

Tabela 36. Item-Total Statistics: fator Resolução (QVC-CMR)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se o item for excluido
QVC-R1	41.11	27.749	.443	.803
QVC-R2	41.10	27.773	.418	.804
QVC-R3	40.90	28.129	.449	.803
QVC-R4	41.44	28.080	.312	.813
QVC-R5	40.86	28.327	.412	.805
QVC-R6	41.46	26.899	.409	.806
QVC-R7	41.23	26.949	.502	.798
QVC-R8	41.52	27.100	.380	.808.
QVC-R9	41.08	27.190	.533	.797
QVC-R10	41.68	26.510	.476	.800
QVC-R11	41.74	26.233	.485	.799
QVC-R12	41.68	26.797	.482	.799
QVC-R13	41.71	27.136	.418	.805
QVC-R14	40.99	27.635	.502	.799

Anexo III: Resultados

 Análise da influência da variável Sexo na legitimação da VPI (QRVC-HIS)

Tabela 35. Análise descritiva para os itens da História 1 (QRVC-HIS)

	Fem	inino	Maso	culino	Total	
	M	DP	M	DP	M	DP
QRVC-HIS-1 – 1	1.14	.425	1.23	.541	1.16	.451
QRVC-HIS-1 - 2	1.21	.522	1.42	.684	1.25	.562
QRVC-HIS-1 - 3	1.12	.367	1.30	.548	1.16	.413
QRVC-HIS-1 - 4	1.12	.396	1.27	.544	1.15	.431
QRVC-HIS-1 - 5	1.19	.483	1.34	.569	1.22	.504
QRVC-HIS-1 - 6	1.67	.862	1.76	.865	1.69	.863
QRVC-HIS-1 - 7	1.09	.329	1.18	.481	1.11	.364
QRVC-HIS-1 - 8	1.45	.732	1.85	.867	1.52	.775
QRVC-HIS-1 - 9	1.18	.444	1.29	.562	1.20	.470
QRVC-HIS-1 - 10	1.13	.392	1.25	.481	1.15	.413
QRVC-HIS-1 - total	12.31	3.183	13.86	4.116	12.60	3.433

Tabela 36. Análise descritiva para os itens da História 2 (QRVC-HIS)

	Fem	inino	Maso	culino	Total	
	М	DP	М	DP	M	DP
QRVC-HIS-2 – 1	1.37	.582	1.47	.642	1.39	.595
QRVC-HIS-2 - 2	1.34	.577	1.49	.591	1.37	.582
QRVC-HIS-2 - 3	1.33	.549	1.51	.606	1.36	.565
QRVC-HIS-2 - 4	1.42	.662	1.47	.598	1.43	.650
QRVC-HIS-2 - 5	1.50	.712	1.71	.798	1.54	.734
QRVC-HIS-2 - 6	1.43	.632	1.54	.668	1.45	.640
QRVC-HIS-2-7	1.34	.561	1.60	.649	1.39	.587
QRVC-HIS-2 - 8	1.82	.857	2.01	.863	1.85	.861
QRVC-HIS-2 - 9	1.33	.565	1.46	.605	1.35	.575
QRVC-HIS-2 - 10	1.40	.623	1.67	.715	1.45	.650
QRVC-HIS-2 - total	14.26	4.702	15.92	4.826	14.58	4.769

Tabela 37. Análise descritiva para os itens da História 3 (QRVC-HIS)

	Fem	inino	Maso	culino	Total	
	М	DP	М	DP	М	DP
QRVC-HIS-3 – 1	1.39	.628	1.64	.733	1.44	.656
QRVC-HIS-3 - 2	1.70	.802	1.88	.881	1.74	.820
QRVC-HIS-3 - 3	1.21	.483	1.35	.524	1.24	.493
QRVC-HIS-3 - 4	1.16	.398	1.28	.487	1.18	.419
QRVC-HIS-3 - 5	1.20	.456	1.33	.576	1.23	.484
QRVC-HIS-3 - 6	1.26	.513	1.44	.618	1.30	.539
QRVC-HIS-3 - 7	1.22	.469	1.39	.596	1.25	.499
QRVC-HIS-3 - 8	1.26	.540	1.43	.603	1.29	.556
QRVC-HIS-3 - 9	1.16	.418	1.29	.512	1.19	.440
QRVC-HIS-3 - 10	1.19	.445	1.36	.543	1.22	.469
QRVC-HIS-3 – total	12.76	3.707	14.39	4.360	13.07	3.889

Tabela 38. Teste *T-student* para amostras independentes (Variável independente: Sexo)

	Teste-t para igualdade de Médias								
	Sig (2 Diferença Erro Pa t df extremida média da Dife des)					Confia	ervalo de nça da ença		
			ues)			Sup.	Inf.		
QRVC-HIS-1	-6.175	1172	.000	-1.553	.251	-2.046	-1.060		
QRVC-HIS-2	-4.647	329.202	.000	-1.657	.356	-2.358	955		
QRVC-HIS-3	-5.721	1179	.000	-1.633	.285	-2.193	-1.073		
QRVC-HIS-total	-6.002	1169	.000	-4.813	.802	-6.387	-3.240		

2. Análise da influência da variável Estudantes/Profissionais na legitimação da VPI (QRVC-HIS)

Tabela 39. Análise descritiva para os itens da História 1 (QRVC-HIS)

	Estud	dantes	Profis	Profissionais		otal
	М	DP	М	DP	М	DP
QRVC-HIS-1 – 1	1.17	.457	1.13	.433	1.16	.451
QRVC-HIS-1 - 2	1.28	.591	1.17	.467	1.25	.562
QRVC-HIS-1 - 3	1.17	.434	1.11	.345	1.16	.413
QRVC-HIS-1 - 4	1.15	.432	1.13	.431	1.15	.431
QRVC-HIS-1 - 5	1.22	.495	1.22	.527	1.22	.504
QRVC-HIS-1 - 6	1.73	.863	1.57	.854	1.69	.863
QRVC-HIS-1 - 7	1.12	.367	1.09	.357	1.11	.364
QRVC-HIS-1 - 8	1.51	.757	1.55	.821	1.52	.775
QRVC-HIS-1 - 9	1.22	.499	1.13	.377	1.20	.470
QRVC-HIS-1 - 10	1.16	.426	1.12	.372	1.15	.413
QRVC-HIS-1 - total	12.74	3.538	12.23	3.106	12.60	3.433

Tabela 40. Análise descritiva para os itens da História 2 (QRVC-HIS

_	Estuc	lantes	Profiss	sionais	Total	
	M	DP	M	DP	M	DP
QRVC-HIS-2 – 1	1.41	.596	1.35	.590	1.39	.595
QRVC-HIS-2 - 2	1.37	.585	1.36	.575	1.37	.582
QRVC-HIS-2 - 3	1.36	.559	1.36	.582	1.36	.565
QRVC-HIS-2 - 4	1.42	.575	1.44	.821	1.43	.650
QRVC-HIS-2 - 5	1.56	.740	1.48	.712	1.54	.734
QRVC-HIS-2 - 6	1.44	.623	1.46	.685	1.45	.640
QRVC-HIS-2 - 7	1.39	.576	1.40	.616	1.39	.587
QRVC-HIS-2 - 8	1.88	.863	1.78	.854	1.85	.861
QRVC-HIS-2 - 9	1.35	.571	1.36	.586	1.35	.575
QRVC-HIS-2 - 10	1.44	.644	1.47	.666	1.45	.650
QRVC-HIS-2 – total	14.62	4.651	14.46	14.62	14.58	4.769

Tabela 41. Análise descritiva para os itens da História 3 (QRVC-HIS)

	Estud	lantes	Profiss	Profissionais		tal
	M	DP	M	DP	M	DP
QRVC-HIS-3 – 1	1.47	.668	1.34	.612	1.44	.656
QRVC-HIS-3 - 2	1.82	.831	1.51	.743	1.74	.820
QRVC-HIS-3 - 3	1.25	.496	1.20	.486	1.24	.493
QRVC-HIS-3 - 4	1.20	.425	1.14	.399	1.18	.419
QRVC-HIS-3 - 5	1.24	.491	1.21	.463	1.23	.484
QRVC-HIS-3 - 6	1.31	.545	1.25	.519	1.30	.539
QRVC-HIS-3 - 7	1.27	.517	1.20	.446	1.25	.499
QRVC-HIS-3 - 8	1.29	.556	1.29	.559	1.29	.556
QRVC-HIS-3 - 9	1.19	.439	1.18	.444	1.19	.440
QRVC-HIS-3 - 10	1.22	.460	1.23	.493	1.22	.469
QRVC-HIS-3 – total	13.27	3.910	13.27	3.910	13.07	3.889

Tabela 42. Teste T-student para amostras independentes (Variável independente: Sexo)

	Teste-t para igualdade de Médias								
	t	Erro Padão da Diferença	Confia	ervalo de nça da ença					
			des)			Sup.	Inf.		
QRVC-HIS-1	2.267	1172	.024	.511	.225	.069	.953		
QRVC-HIS-2	.509	529.805	.611	.166	.325	473	.804		
QRVC-HIS-3	2.923	584.775	.004	.732	.250	.240	1.224		
QRVC-HIS-total	1.958	575.139	.051	1.389	.710	004	2.783		

3. Análise da influência da variável Sexo na legitimação da VPI (QVC-CMR)

Tabela 43. Análise descritiva para os itens do fator Ativação

	Fem	inino	Maso	culino	To	tal
	M	DP	М	DP	М	DP
QVC-C1	2.72	.813	2.76	.854	2.73	.821
QVC-C2	2.71	.795	2.67	.851	2.71	.806
QVC-C3	2.09	.883	2.29	.919	2.13	.893
QVC-C4	2.54	.868	2.56	.886	2.55	.871
QVC-C5	2.07	.885	2.08	.843	2.07	.877
QVC-C6	1.90	.812	2.05	.832	1.93	.818
QVC-C7	2.45	.910	2.35	.849	2.43	.899
QVC-C8	2.13	.838	2.12	.805	2.13	.832
QVC-C9	2.01	.805	2.10	.820	2.03	.808
QVC-C10	2.69	.845	2.75	.777	2.70	.833
QVC-C11	2.88	.814	2.75	.914	2.86	.835
QVC-C12	2.55	.916	2.54	.922	2.55	.917
QVC-C13	2.59	.817	2.57	.834	2.59	.820
QVC-C14	2.70	.851	2.57	.812	2.67	.845
QVC-C-total	34.00	6.994	34.24	7.166	34.05	7.024

Tabela 44. Análise descritiva para os itens do fator Manutenção

	Fem	Feminino		culino	To	otal
	M	DP	М	DP	М	DP
QVC-M1	3.54	.612	3.38	.697	3.51	.631
QVC-M2	3.33	.694	3.26	.681	3.32	.692
QVC-M3	2.86	.836	2.78	.821	2.84	.833
QVC-M4	2.98	.856	2.78	.910	2.94	.870
QVC-M5	3.06	.716	2.86	.723	3.03	.721
QVC-M6	2.96	.798	2.91	.764	2.95	.792
QVC-M7	3.11	.661	3.00	.653	3.09	.660
QVC-M8	3.28	.686	3.25	.723	3.27	.693
QVC-M9	2.88	.822	2.85	.863	2.88	.830
QVC-M10	2.90	.771	2.61	.791	2.85	.783
QVC-M11	3.33	.644	3.16	.681	3.30	.655
QVC-M12	3.19	.714	3.00	.673	3.16	.710
QVC-M13	2.63	.880	2.51	.868	2.61	.879
QVC-M14	2.62	.800	2.51	.842	2.60	.809
QVC-M-total	42.72	6.102	40.85	6.195	42.37	6.160

Tabela 45. Análise descritiva para os itens do fator Resolução

_	Fem	inino	Maso	culino	To	tal
	М	DP	М	DP	M	DP
QVC-R1	3.43	.644	3.20	.680	3.39	.656
QVC-R2	3.43	.679	3.25	.676	3.40	.682
QVC-R3	3.63	.571	3.52	.628	3.60	.584
QVC-R4	3.11	.756	2.88	.832	3.07	.776
QVC-R5	3.67	.568	3.50	.635	3.64	.585
QVC-R6	3.09	.826	2.80	.942	3.04	.856
QVC-R7	3.29	.700	3.19	.815	3.27	.724
QVC-R8	2.98	.860	3.00	.863	2.98	.860
QVC-R9	3.44	.654	3.32	.645	3.41	.653
QVC-R10	2.80	.834	2.89	.813	2.82	.830
QVC-R11	2.82	.840	2.47	.883	2.76	.859
QVC-R12	2.80	.790	2.89	.719	2.82	.777
QVC-R13	2.80	.800	2.75	.798	2.79	.800
QVC-R14	3.55	.598	3.35	.645	3.51	.613
QVC-R-total	44.87	5.438	42.89	5.967	44.50	5.589

Tabela 46. Teste *T-student* para amostras independentes (Variável independente: Sexo)

	Teste-t para igualdade de Médias										
	t	df	Sig (2 extremida des)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confia difere	nça da				
			ues)			Sup.	Inf.				
QVC-C	442	315.124	.659	239	.540	-1.301	.824				
QVC-M	4.009	320.239	.000	1.866	.465	.950	2.781				
QVC-R	4.438	296.838	.000	1.978	.446	1.101	2.855				

4. Análise da influência da variável Estudantes/Profissionais na legitimação da VPI (QVC-CMV)

Tabela 43. Análise descritiva para os itens do fator Ativação

	Estud	antes	Profiss	sionais	Total	
	M	DP	М	DP	M	DP
QVC-C1	2.78	.770	2.60	.928	2.73	.821
QVC-C2	2.77	.746	2.53	.926	2.71	.806
QVC-C3	2.10	.880	2.20	.923	2.13	.893
QVC-C4	2.59	.859	2.44	.894	2.55	.871
QVC-C5	2.10	.871	1.98	.887	2.07	.877
QVC-C6	1.90	.785	2.00	.898	1.93	.818
QVC-C7	2.45	.887	2.37	.929	2.43	.899
QVC-C8	2.13	.832	2.12	.832	2.13	.832
QVC-C9	1.98	.792	2.17	.835	2.03	.808
QVC-C10	2.74	.817	2.61	.869	2.70	.833
QVC-C11	2.87	.831	2.83	.847	2.86	.835
QVC-C12	2.54	.919	2.60	.911	2.55	.917
QVC-C13	2.59	.811	2.59	.844	2.59	.820
QVC-C14	2.63	.826	2.80	.883	2.67	.845
QVC-C-total	34.12	6.827	33.87	7.525	34.05	7.024

Tabela 44. Análise descritiva para os itens do fator Manutenção

	Estud	lantes	Profiss	sionais	Total	
	M	DP	М	DP	М	DP
QVC-M1	3.54	.620	3.42	.652	3.51	.631
QVC-M2	3.37	.670	3.19	.732	3.32	.692
QVC-M3	2.85	.819	2.83	.871	2.84	.833
QVC-M4	2.94	.900	2.94	.785	2.94	.870
QVC-M5	3.02	.746	3.05	.651	3.03	.721
QVC-M6	2.91	.810	3.06	.730	2.95	.792
QVC-M7	3.07	.658	3.13	.666	3.09	.660
QVC-M8	3.27	.713	3.28	.639	3.27	.693
QVC-M9	2.86	.850	2.91	.774	2.88	.830
QVC-M10	2.79	.804	2.99	.705	2.85	.783
QVC-M11	3.34	.661	3.20	.628	3.30	.655
QVC-M12	3.21	.691	3.02	.742	3.16	.710
QVC-M13	2.56	.897	2.74	.813	2.61	.879
QVC-M14	2.50	.817	2.87	.724	2.60	.809
QVC-M-total	42.27	6.121	42.64	6.262	42.37	6.160

Tabela 45. Análise descritiva para os itens do fator Resolução

	Estudantes		Profiss	Profissionais		otal
	M	DP	М	DP	М	DP
QVC-R1	3.36	.657	3.46	.651	3.39	.656
QVC-R2	3.36	.697	3.51	.629	3.40	.682
QVC-R3	3.66	.543	3.46	.661	3.60	.584
QVC-R4	3.05	.771	3.11	.790	3.07	.776

QVC-R5	3.68	.544	3.52	.672	3.64	.585
QVC-R6	3.02	.886	3.09	.770	3.04	.856
QVC-R7	3.28	.712	3.25	.756	3.27	.724
QVC-R8	2.90	.875	3.21	.777	2.98	.860
QVC-R9	3.44	.643	3.35	.678	3.41	.653
QVC-R10	2.77	.848	2.94	.767	2.82	.830
QVC-R11	2.75	.868	2.79	.836	2.76	.859
QVC-R12	2.76	.795	2.97	.705	2.82	.777
QVC-R13	2.72	.791	2.97	.795	2.79	.800
QVC-R14	3.49	.622	3.57	.583	3.51	.613
QVC-R-total	44.24	5.586	45.18	5.548	44.50	5.589

Tabela 46. Teste *T-student* para amostras independentes (Variável independente: Estudantes/Profissionais)

	Teste-t para igualdade de Médias										
	t	df	Sig (2 extremida des)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiai difere	nça da				
			ues)			Sup.	Inf.				
QVC-C	.538	1143	.591	.250	.464	661	1.160				
QVC-M	902	561.166	.368	370	.410	-1.175	.436				
QVC-R	-2.565	570.472	.011	941	.367	-1.662	221				

5. Análise da influência da variável sexo nas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)

Tabela 47. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Feminino		Maso	culino	Total	
	M	DP	М	DP	M	DP
Negociação	73.91	42.201	64.56	39.029	72.10	41.747
Agressão Psicológica	10.20	15.938	9.94	15.579	10.15	15.860
Abuso físico sem sequelas	2.29	10.756	2.48	10.322	2.32	10.668
Coerção sexual	3.84	10.326	3.76	8.980	3.83	10.075
Abuso físico com sequelas	.56	5.309	.70	4.688	.59	5.192
Táticas violentas	16.89	34.731	16.88	30.838	16.89	33.995

Tabela 48. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Feminino		Maso	culino	Total	
	M	DP	M	DP	M	DP
Negociação	73.43	42.105	62.49	39.327	72.10	41.747
Agressão Psicológica	7.87	14.109	8.33	14.413	10.15	15.860
Abuso físico sem sequelas	1.82	10.763	2.35	9.827	2.32	10.668
Coerção sexual	3.28	9.972	2.85	8.025	3.83	10.075
Abuso físico com sequelas	.47	4.901	.49	3.911	.59	5.192
Táticas violentas	13.44	32.509	14.02	28.145	16.89	33.995

Tabela 49. Teste T-student para amostras independentes (VI: Sexo) - Perpetação

		Te	ste-t para igualdad	de de Médias			
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Intervalo de Confiança da diferenç	
Negociação	2.697	259.155	.007	9.357	3.470	2.524	16.190
Agressão Psicológica	.186	248.303	.853	.254	1.369	-2.442	2.951
Abuso físico sem sequelas	213	251.772	.831	194	.911	-1.987	1.599
Coerção sexual	.103	272.837	.918	.084	.810	-1.511	1.678
Abuso físico com sequelas	327	269.283	.744	138	.421	967	.692
Táticas violentas	.002	268.010	.998	.006	2.767	-5.442	5.454

Tabela 50. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: Sexo) - Vitimação

		Te	ste-t para igualdad	de de Médias			
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança o	ervalo de da diferença
Negociação	3.137	257.118	.002	10.945	3.489	4.074	17.816
Agressão Psicológica	369	240.533	.712	464	1.256	-2.938	2.010
Abuso físico sem sequelas	597	261.866	.551	523	.876	-2.249	1.202
Coerção sexual	.584	292.832	.559	.431	.738	-1.021	1.884
Abuso físico com sequelas	071	295.241	.943	026	.361	735	.684
Táticas violentas	229	273.907	.819	581	2.541	-5.583	4.420

6. Análise da influência da variável Estudantes/Profissionais nas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)

Tabela 51. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Estudantes		Profis	sionais	Total	
	M	DP	М	DP	М	DP
Negociação	82.46	39.686	51.83	38.144	72.10	41.747
Agressão Psicológica	10.81	16.952	8.85	13.402	10.15	15.860
Abuso físico sem sequelas	2.30	11.098	2.38	9.789	2.32	10.668
Coerção sexual	2.46	9.318	6.51	10.945	3.83	10.075
Abuso físico com sequelas	.44	5.237	.87	5.100	.59	5.192
Táticas violentas	16.01	35.177	18.60	31.544	16.89	33.995

Tabela 52. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Estudantes		Profis	sionais	Total	
	M	DP	М	DP	M	DP
Negociação	80.34	40.471	53.64	38.599	72.10	41.747
Agressão Psicológica	8.79	14.294	6.34	13.779	10.15	15.860
Abuso físico sem sequelas	1.87	10.528	2.04	10.712	2.32	10.668
Coerção sexual	2.77	9.612	4.02	9.609	3.83	10.075
Abuso físico com sequelas	.38	4.783	.65	4.610	.59	5.192
Táticas violentas	13.81	32.185	13.05	30.767	16.89	33.995

Tabela 53. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: Sexo) - Perpetação

	Teste-t para igualdade de Médias										
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	0070	ervalo de da diferença				
Negociação	10.841	588.364	.000	30.632	2.826	25.082	36.181				
Agressão Psicológica	1.831	694.704	.068	1.966	1.074	143	4.075				
Abuso físico sem sequelas	107	634.411	.915	080	.749	-1.551	1.390				
Coerção sexual	-5.596	835	.000	-4.047	.723	-5.466	-2.627				
Abuso físico com sequelas	-1.140	835	.255	432	.379	-1.177	.312				
Táticas violentas	-1.082	625.383	.280	-2.593	2.398	-7.302	2.115				

Tabela 54. Teste *T-student* para amostras independentes (Vi: Sexo) - Vitimação

Teste-t para igualdade de Médias									
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança d	ervalo de da diferença		
Negociação	9.315	592.389	.000	26.709	2.867	21.077	32.340		
Agressão Psicológica	2.372	835	.018	2.448	1.032	.422	4.473		
Abuso físico sem sequelas	217	559.452	.828	169	.778	-1.697	1.360		
Coerção sexual	-1.773	835	.077	-1.245	.702	-2.623	.133		
Abuso físico com sequelas	800	586.905	.424	273	.341	943	.397		
Táticas violentas	.333	591.189	.739	.761	2.284	-3.724	5.246		

7. Análise da influência da variável Sexo na prevalência das táticas de resolução de conflitos (CTS-2)

Tabela 55. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Perpe	etação	Vitim	nação	Total		
	Feminino %	Masculino %	Feminino %	Masculino %	Perpetação %	Vitimação %	
Negociação	97.63	97.53	97.78	96.91	97.61	97.61	
Agressão Psicológica	75.70	72.22	69.04	64.81	75.03	68.22	
Abuso físico sem sequelas	26.96	20.37	20.59	29.63	25.69	22.34	
Coerção sexual	22.81	33.33	24.89	24.69	24.85	24.85	
Abuso físico com sequelas	5.48	4.94	4.89	4.94	5.38	4.90	
Táticas violentas	78.52	79.01	73.93	73.46	78.61	73.84	

Tabela 56. Teste T-student para amostras independentes (Vi: Sexo) - Perpetação

	Teste-t para igualdade de Médias										
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança d					
Negociação	346	338.913	.729	-1.035	2.989	-6.914	4.845				
Agressão Psicológica	.468	332.738	.640	1.707	3.646	-5.465	8.879				
Abuso físico sem sequelas	1.348	1183	.178	3.982	2.954	-1.814	9.777				
Coerção sexual	-3.267	1183	.001	-9.707	2.971	-15.536	-3.878				
Abuso físico com sequelas	.518	356.011	.605	.769	1.485	-2.151	3.689				
Táticas violentas	412	336.561	.681	-1.465	3.558	-8.463	5.534				

Tabela 56. Teste T-student para amostras independentes (Vi: Sexo) - Vitimação

l'este-t para igualdade de Medias							
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança d	
Negociação	277	338.025	.782	826	2.987	-6.702	5.049
Agressão Psicológica	.447	333.683	.656	1.653	3.703	-5.630	8.937
Abuso físico sem sequelas	-2.507	1183	.012	-7.115	2.839	-12.685	-1.546
Coerção sexual	340	330.244	.734	-1.033	3.040	-7.013	4.947
Abuso físico com sequelas	.201	343.296	.841	.279	1.389	-2.454	3.011
Táticas violentas	242	335.337	.809	881	3.633	-8.027	6.266

8. Análise da influência da variável Estudantes/Profissionais nas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)

Tabela 57. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Perpe	etação	Vitim	nação	To	tal
	Estudantes %	Profissionais %	Estudantes %	Profissionais %	Perpetação %	Vitimação %
Negociação	99.28	94.35	99.28	94.35	97.61	97.61
Agressão Psicológica	77.80	69.61	71.30	62.19	75.03	68.22
Abuso físico sem sequelas	27.62	21.91	24.37	18.37	25.69	22.34
Coerção sexual	17.87	38.52	23.83	26.86	24.85	24.85
Abuso físico com sequelas	5.60	4.95	4.87	4.95	5.38	4.90
Táticas violentas	80.51	74.91	75.63	70.32	78.61	73.84

Tabela 56. Teste *T-student* para amostras independentes (Vi: Sexo) - Perpetação

Teste-t para igualdade de Médias										
	t df		Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Intervalo de Confiança da diferenç				
Negociação	-5.864	1183	.000	-15.399	2.626	-20.551	-10.247			
Agressão Psicológica	-2.493	1183	.013	-7.950	3.189	-14.207	-1.693			
Abuso físico sem sequelas	934	547.272	.351	-2.487	2.662	-7.717	2.742			
Coerção sexual	-9.663	1183	.000	-24.483	2.534	-29.454	-19.512			
Abuso físico com sequelas	046	566.144	.964	063	1.382	-2.778	2.652			
Táticas violentas	-3.641	1183	.000	-11.413	3.134	-17.562	-5.263			

Tabela 56. Teste *T-student* para amostras independentes (Vi: Sexo) - Vitimação

Teste-t para igualdade de Médias									
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença		ervalo de da diferença		
Negociação	-5.960	1183	.000	-15.596	2.617	-20.731	-10.462		
Agressão Psicológica	-2.089	1183	.037	-6.786	3.249	-13.162	411		
Abuso físico sem sequelas	464	556.932	.643	-1.178	2.540	-6.167	3.812		
Coerção sexual	-3.594	1183	.000	-9.465	2.634	-14.632	-4.298		
Abuso físico com sequelas	605	525.188	.546	791	1.308	-3.361	1.779		
Táticas violentas	-3.623	1183	.000	-11.559	3.190	-17.818	-5.299		

9. Influência da Profissão na legitimação da VPI

Tabela 57. One-Way ANOVA (VI: Profissão) - QRVC-HIS

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Lliotório 1	Entre Grupos	8.553	3	2.851	.294	.830
História 1 Total	Nos Grupos	3039.637	313	9.711		
TOTAL	Total	3048.189	316			
História 2	Entre Grupos	222.283	3	74.094	2.928	.034
Total	Nos Grupos	7997.104	316	25.307		
TOTAL	Total	8219.387	319			
História 3	Entre Grupos	49.950	3	16.650	1.163	.324
Total	Nos Grupos	4511.385	315	14.322		
TOLAI	Total	4561.335	318			
	Entre Grupos	479.551	3	159.850	1.400	.243
Total História	Nos Grupos	35631.817	312	114.205		
	Total	36111.367	315			

Tabela 58. Group Statistics

Tubcia co. v	oroup otationes				
		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Médico	94	12.01	2.563	.264
	Enfermeiro	86	12.43	2.633	.284
História 1 Total	Assistente Social	51	12.33	4.877	.683
	Outro	86	12.21	2.766	.298
	Total	317	12.23	3.106	.174
	Médico	94	14.01	4.664	.481
	Enfermeiro	87	13.85	4.476	.480
História 2 Total	Assistente Social	52	14.00	5.770	.800
	Outro	87	15.82	5.449	.584
	Total	320	14.46	5.076	.284
	Médico	93	11.97	2.784	.289
	Enfermeiro	87	12.61	3.171	.340
História 3 Total	Assistente Social	52	12.65	5.302	.735
	Outro	87	13.00	4.176	.448
	Total	319	12.54	3.787	.212
	Médico	93	37.96	9.061	.940
	Enfermeiro	86	38.94	9.124	.984
Total História	Assistente Social	51	38.75	15.052	2.108
	Outro	86	41.13	10.668	1.150
	Total	316	39.22	10.707	.602

Tabela 59. One-Way ANOVA (VI: Profissão) - QVC-CMR

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	Entre Grupos	538.095	3	179.365	3.235	.023
Total Causas	Nos Grupos	17354.340	313	55.445		
	Total	17892.435	316			
Total	Entre Grupos	205.800	3	68.600	1.762	.154
Manutenção	Nos Grupos	12225.886	314	38.936		
- Iviai iutei içao	Total	12431.686	317			
Total	Entre Grupos	166.203	3	55.401	1.814	.145
Resolução	Nos Grupos	9531.151	312	30.549		
Resolução	Total	9697.354	315			

Tabela 60. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Médico	94	35.69	7.641	94
	Enfermeiro	86	33.10	7.893	86
Total Causas	Assistente Social	52	32.04	8.301	52
	Outro	85	33.74	6.089	85
	Total	317	33.87	7.525	317
	Médico	94	43.71	5.365	94
Total Manutanaãa	Enfermeiro	87	42.08	6.885	87
Total Manutenção	Assistente Social	52	41.48	8.631	52
	Outro	85	42.72	4.463	85

	Total	318	42.64	6.262	318
	Médico	94	45.68	4.853	94
	Enfermeiro	86	44.41	6.828	86
Total Resolução	Assistente Social	52	44.31	5.312	52
•	Outro	84	45.96	4.833	84
	Total	316	45.18	5.548	316

10. Influência da Profissão nas táticas de resolução de conflitos $^{38}\,$

Tabela 61. One-Way ANOVA (VI: Profissão) - CTS2 - Perpetação

	a o i. One may A		,ao, 0.02	i cipciagao		
		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	Entre Grupos	4234.298	3	1411.433	.970	.407
Negociação	Nos Grupos	406060.218	279	1455.413		
,	Total	410294.516	282			
\/:=\2==:=	Entre Grupos	2176.566	3	725.522	4.176	.006
Violência	Nos Grupos	48473.900	279	173.742		
Psicológica	Total	50650.466	282			
Al	Entre Grupos	593.463	3	197.821	2.088	.102
Abuso físico	Nos Grupos	26429.081	279	94.728		
sem sequelas	Total	27022.544	282			
0	Entre Grupos	1245.338	3	415.113	3.560	.015
Coerção Sexual	Nos Grupos	32533.404	279	116.607		
Sexual	Total	33778.742	282			
Abuso físico	Entre Grupos	51.614	3	17.205	.659	.578
	Nos Grupos	7283.806	279	26.107		
com sequelas	Total	7335.420	282			
Táticas violentas	Entre Grupos	12498.142	3	4166.047	4.335	.005
	Nos Grupos	268103.533	279	960.945		
	Total	280601.675	282			

Tabela 62. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Médico	90	55.36	38.110	4.017
	Enfermeiro	72	47.82	38.785	4.571
Negociação	Assistente Social	40	57.30	45.825	7.246
	Outro	81	48.77	33.185	3.687
	Total	283	51.83	38.144	2.267
	Médico	90	6.94	11.512	1.213
	Enfermeiro	72	7.31	12.351	1.456
Violência Psicológica	Assistente Social	40	7.05	12.774	2.020
_	Outro	81	13.22	15.606	1.734
	Total	283	8.85	13.402	.797
	Médico	90	1.18	4.016	.423
Abuso físico sem	Enfermeiro	72	2.44	8.382	.988
seguelas	Assistente Social	40	.73	2.320	.367
sequeias	Outro	81	4.47	15.731	1.748
	Total	283	2.38	9.789	.582
	Médico	90	5.10	9.271	.977
	Enfermeiro	72	6.04	11.303	1.332
Coerção Sexual	Assistente Social	40	4.08	8.687	1.373
·	Outro	81	9.68	12.683	1.409
	Total	283	6.51	10.945	.651
	Médico	90	.64	3.740	.394
Abuso físico com	Enfermeiro	72	.86	4.257	.502
seguelas	Assistente Social	40	.20	.883	.140
sequeias	Outro	81	1.47	7.683	.854
	Total	283	.87	5.100	.303
	Médico	90	13.87	19.482	2.054
	Enfermeiro	72	16.65	29.509	3.478
Táticas violentas	Assistente Social	40	12.05	18.716	2.959
	Outro	81	28.84	44.559	4.951
	Total	283	18.60	31.544	1.875

³⁸ Considerados apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

Tabela 63. One-Way ANOVA (VI: Profissão) - CTS2 - Vitimação

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	Entre Grupos	2012.340	3	670.780	.448	.719
Negociação	Nos Grupos	418143.172	279	1498.721		
	Total	420155.512	282			
Violência	Entre Grupos	658.220	3	219.407	1.158	.326
	Nos Grupos	52879.215	279	189.531		
Psicológica	Total	53537.435	282			
Abuso físico	Entre Grupos	284.340	3	94.780	.824	.481
	Nos Grupos	32077.307	279	114.972		
sem sequelas	Total	32361.647	282			
Cooroão	Entre Grupos	11.401	3	3.800	.041	.989
Coerção Sexual	Nos Grupos	26027.511	279	93.289		
Sexual	Total	26038.912	282			
Abuso físico	Entre Grupos	60.300	3	20.100	.945	.419
	Nos Grupos	5931.764	279	21.261		
com sequelas	Total	5992.064	282			
T4:	Entre Grupos	1572.636	3	524.212	.551	.648
Táticas	Nos Grupos	265373.767	279	951.160		
violentas	Total	266946.403	282			

Tabela 64. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Médico	90	52.21	38.086	4.015
	Enfermeiro	72	50.51	40.672	4.793
Negociação	Assistente Social	40	55.28	43.958	6.950
	Outro	81	57.19	34.684	3.854
	Total	283	53.64	38.599	2.294
	Médico	90	4.39	7.505	.791
	Enfermeiro	72	6.08	14.521	1.711
Violência Psicológica	Assistente Social	40	7.88	15.732	2.487
_	Outro	81	7.98	17.045	1.894
	Total	283	6.34	13.779	.819
	Médico	90	1.20	4.353	.459
Abuso físico sem	Enfermeiro	72	3.19	13.165	1.551
	Assistente Social	40	.53	2.000	.316
sequelas	Outro	81	2.68	14.971	1.663
	Total	283	2.04	10.712	.637
	Médico	90	4.07	8.589	.905
	Enfermeiro	72	4.11	10.116	1.192
Coerção Sexual	Assistente Social	40	4.33	9.124	1.443
	Outro	81	3.73	10.577	1.175
	Total	283	4.02	9.609	.571
	Médico	90	.18	1.186	.125
Abuso físico com	Enfermeiro	72	.82	4.254	.501
	Assistente Social	40	.20	.883	.140
sequelas	Outro	81	1.26	7.493	.833
	Total	283	.65	4.610	.274
	Médico	90	9.83	14.186	1.495
	Enfermeiro	72	14.21	33.671	3.968
Táticas violentas	Assistente Social	40	12.93	21.898	3.462
	Outro	81	15.64	43.051	4.783
	Total	283	13.05	30.767	1.829

11. Influência da área de estudos na legitimação da VPI

Tabela 65. One-Way ANOVA (VI: Curso) - QRVC-HIS

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	F	Sig.
História 1	Entre Grupos	491.699	5	98.340	8.177	.000
Total	Nos Grupos	10210.563	849	12.027		
TOTAL	Total	10702.262	854			
História 2	Entre Grupos	780.431	5	156.086	7.480	.000
Total	Nos Grupos	17819.983	854	20.866		
i ulai	Total	18600.414	859			

História 3	Entre Grupos	716.201	5	143.240	9.839	.000
Total	Nos Grupos	12433.036	854	14.559		
Total	Total	13149.237	859			
	Entre Grupos	5529.251	5	1105.850	9.627	.000
Total História	Nos Grupos	97294.855	847	114.870		
	Total	102824.106	852			

Tabela 66. Group Statistics

i abeia oo. C	aroup Statistics				
		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Medicina	169	12.42	3.411	.262
História 1 Total	Enfermagem	198	12.20	3.645	.259
	Serviço Social	172	12.51	3.211	.245
HISTORIA I TOTAL	Psicologia	117	12.59	3.102	.287
	Engenharias	53	15.36	3.898	.535
	Outros	146	13.27	3.685	.305
	Total	855	12.74	3.540	.121
	Medicina	169	14.06	4.561	.351
	Enfermagem	198	13.47	4.361	.310
História 2 Total	Serviço Social	172	14.81	4.633	.353
HIStoria 2 Total	Psicologia	120	14.81	4.538	.414
	Engenharias	55	17.02	4.692	.633
	Outros	146	15.60	4.747	.393
	Total	860	14.63	4.653	.159
	Medicina	169	12.77	3.925	.302
	Enfermagem	198	12.41	3.562	.253
História 3 Total	Serviço Social	172	13.23	3.729	.284
HISIOHA 3 TOLAL	Psicologia	121	13.13	3.327	.302
	Engenharias	55	15.98	4.301	.580
	Outros	145	14.19	4.282	.356
	Total	860	13.27	3.912	.133
	Medicina	169	39.25	10.988	.845
	Enfermagem	198	38.09	10.440	.742
	Serviço Social	172	40.54	10.428	.795
Total História	Psicologia	116	40.45	9.777	.908
	Engenharias	53	48.19	11.631	1.598
	Outros	145	43.11	11.461	.952
	Total	169	12.42	3.411	.262

Tabela 67. One-Way ANOVA (VI: Curso) - QVC-CMR

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	F	Sig.
	Entre Grupos	442.999	5	88.600	1.922	.088
Total Causas	Nos Grupos	37803.661	820	46.102		
	Total	38246.660	825			
Total	Entre Grupos	4623.994	5	924.799	28.801	.000
Manutenção	Nos Grupos	26587.095	828	32.110		
Manutenção	Total	31211.089	833			
Tatal	Entre Grupos	1261.182	5	252.236	8.494	.000
Total Resolução	Nos Grupos	24648.038	830	29.696		
Resolução	Total	25909.220	835			

Tabela 68. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Medicina	166	34.93	6.090	.473
	Enfermagem	198	34.67	7.610	.541
	Serviço Social	172	34.08	6.556	.500
Total Causas	Psicologia	106	33.77	5.883	.571
	Engenharias	44	33.20	5.916	.892
	Outros	140	32.86	7.484	.633
	Total	826	34.10	6.809	.237
	Medicina	166	44.46	4.142	.322
	Enfermagem	198	43.92	5.911	.420
	Serviço Social	172	43.38	5.467	.417
Total Manutenção	Psicologia	108	40.68	6.164	.593
•	Engenharias	49	37.37	4.982	.712
	Outros	141	38.87	6.817	.574
	Total	834	42.26	6.121	.212

	Medicina	166	44.52	3.820	.296
	Enfermagem	198	45.26	5.800	.412
	Serviço Social	172	45.54	5.515	.421
Total Resolução	Psicologia	112	43.19	5.215	.493
•	Engenharias	48	41.98	6.752	.975
	Outros	140	42.59	6.146	.519
	Total	836	44.26	5.570	.193

12. Influência da aréa de estudos nas táticas de resolução de conflitos³⁹

Tabela 69. One-Way ANOVA (VI: Curso) - CTS2 - Perpetação

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	Entre Grupos	31555.496	5	6311.099	4.129	.001
Negociação	Nos Grupos	836093.036	547	1528.506		
	Total	867648.532	552			
\/:alanaia	Entre Grupos	1860.423	5	372.085	1.298	.263
Violência Psicológica	Nos Grupos	156830.398	547	286.710		
	Total	158690.821	552			
Abuso físico	Entre Grupos	817.149	5	163.430	1.329	.250
	Nos Grupos	67287.419	547	123.012		
sem sequelas	Total	68104.568	552			
Cooroão	Entre Grupos	491.132	5	98.226	1.131	.343
Coerção Sexual	Nos Grupos	47512.358	547	86.860		
Sexual	Total	48003.490	552			
Abusa física	Entre Grupos	124.824	5	24.965	.908	.476
Abuso físico	Nos Grupos	15043.516	547	27.502		
com sequelas	Total	15168.340	552			
T44:	Entre Grupos	6793.953	5	1358.791	1.097	.361
Táticas violentas	Nos Grupos	677382.018	547	1238.358		
	Total	684175.971	552			

Tabela 70. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Medicina	114	81.17	36.223	3.393
	Enfermagem	98	81.46	40.473	4.088
Negociação	Serviço Social	84	80.83	42.607	4.649
Negociação	Psicologia	94	97.85	33.742	3.480
	Engenharias	50	79.38	45.560	6.443
	Outros	113	73.88	39.036	3.672
	Total	553	82.35	39.646	1.686
	Medicina	114	8.47	13.278	1.244
	Enfermagem	98	11.73	20.327	2.053
	Serviço Social	84	10.56	14.689	1.603
Violência Psicológica	Psicologia	94	9.88	13.968	1.441
	Engenharias	50	15.40	23.127	3.271
	Outros	113	11.18	17.568	1.653
	Total	553	10.79	16.955	.721
	Medicina	114	1.40	3.288	.308
	Enfermagem	98	4.38	23.646	2.389
Abuso físico sem	Serviço Social	84	1.43	3.561	.389
sequelas	Psicologia	94	1.40	3.371	.348
Sequeias	Engenharias	50	4.06	10.961	1.550
	Outros	113	2.03	5.852	.550
	Total	553	2.30	11.108	.472
	Medicina	114	2.14	6.131	.574
	Enfermagem	98	3.73	16.728	1.690
	Serviço Social	84	1.00	4.262	.465
Coerção Sexual	Psicologia	94	2.14	7.352	.758
,	Engenharias	50	1.66	5.302	.750
	Outros	113	3.40	8.561	.805
	Total	553	2.46	9.325	.397
Abuso físico com	Medicina	114	.44	1.488	.139
sequelas	Enfermagem	98	1.43	12.172	1.230
Scqueias	Serviço Social	84	.29	1.760	.192

³⁹ Considerados apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

	Psicologia	94	.13	.953	.098
	Engenharias	50	.16	.889	.126
	Outros	113	.09	.606	.057
	Total	553	.44	5.242	.223
	Medicina	114	12.46	19.812	1.856
	Enfermagem	98	21.28	67.985	6.867
	Serviço Social	84	13.27	18.721	2.043
Táticas violentas	Psicologia	94	13.55	18.300	1.887
	Engenharias	50	21.28	32.769	4.634
	Outros	113	16.69	25.329	2.383
	Total	553	15.99	35.206	1.497

Tabela 71. One-Way ANOVA (VI: Profissão) - CTS2 - Vitimação

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
	Entre Grupos	25511.221	5	5102.244	3.180	.008
Negociação	Nos Grupos	877771.828	547	1604.702		
	Total	903283.049	552			
\/:al@maia	Entre Grupos	2454.033	5	490.807	2.431	.034
Violência Psicológica	Nos Grupos	110430.340	547	201.884		
	Total	112884.373	552			
Abuso físico	Entre Grupos	836.259	5	167.252	1.513	.184
	Nos Grupos	60453.104	547	110.518		
sem sequelas	Total	61289.363	552			
Cooroão	Entre Grupos	436.232	5	87.246	.942	.453
Coerção	Nos Grupos	50647.410	547	92.591		
Sexual	Total	51083.642	552			
Abuso físico	Entre Grupos	113.214	5	22.643	.988	.424
	Nos Grupos	12535.278	547	22.916		
com sequelas	Total	12648.492	552			
Tátiono	Entre Grupos	7916.971	5	1583.394	1.533	.178
Táticas	Nos Grupos	564882.938	547	1032.693		
violentas	Total	572799.910	552			

Tabela 72. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
	Medicina	114	80.25	37.601	3.522
	Enfermagem	98	76.81	41.347	4.177
Negociação	Serviço Social	84	79.73	43.820	4.781
Negociação	Psicologia	94	93.85	34.845	3.594
	Engenharias	50	80.06	46.580	6.587
	Outros	113	72.42	39.365	3.703
	Total	553	80.25	40.452	1.720
	Medicina	114	5.52	7.995	.749
	Enfermagem	98	10.76	19.091	1.929
	Serviço Social	84	8.13	12.035	1.313
Violência Psicológica	Psicologia	94	7.96	12.711	1.311
	Engenharias	50	12.28	17.999	2.545
	Outros	113	9.92	14.920	1.404
	Total	553	8.77	14.300	.608
	Medicina	114	1.29	3.391	.318
	Enfermagem	98	3.98	22.637	2.287
Abuso físico sem	Serviço Social	84	.69	1.951	.213
sequelas	Psicologia	94	1.28	4.057	.418
sequeias	Engenharias	50	3.66	11.309	1.599
	Outros	113	1.19	3.451	.325
	Total	553	1.87	10.537	.448
	Medicina	114	2.46	5.925	.555
	Enfermagem	98	3.94	17.109	1.728
	Serviço Social	84	1.33	4.537	.495
Coerção Sexual	Psicologia	94	2.89	8.463	.873
	Engenharias	50	1.74	5.594	.791
	Outros	113	3.52	8.652	.814
	Total	553	2.78	9.620	.409
	Medicina	114	.39	1.448	.136
Abuso físico com	Enfermagem	98	1.33	11.169	1.128
sequelas	Serviço Social	84	.10	.670	.073
	Psicologia	94	.13	.942	.097

Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos

	Engenharias	50	.16	.889	.126
	Outros	113	.08	.600	.056
	Total	553	.38	4.787	.204
	Medicina	114	9.66	14.764	1.383
	Enfermagem	98	20.00	64.467	6.512
	Serviço Social	84	10.25	14.958	1.632
Táticas violentas	Psicologia	94	12.26	18.044	1.861
	Engenharias	50	17.84	28.822	4.076
	Outros	113	14.72	20.608	1.939
	Total	553	13.80	32.213	1.370

Influência da experiencia profissional na legitimação da VPI 13.1. Estudantes de Medicina/Médicos

Tabela 73. Teste T-student para amostras independentes (VI: População)

Teste-t para igualdade de Médias							
	t	t dt extremida		Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiai difere	nça da	
			ues)			Sup.	Inf.
QRVC-HIS-1	1.099	238.420	.273	.409	.372	324	1.143
QRVC-HIS-2	.082	188.709	.935	.049	.595	-1.126	1.223
QRVC-HIS-3	1.919	243.688	.056	.801	.418	021	1.624
QRVC-HIS-total	1.022	221.653	.308	1.292	1.264	-1.199	3.782

Tabela 74. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
História 1 Total	Estudantes	169	12.42	3.411	.262
HIStoria i Total	Médicos	94	12.01	2.563	.264
História 2 Total	Estudantes	169	14.06	4.561	.351
HISIOHA Z TOIAI	Médicos	94	14.01	4.664	.481
História 3 Total	Estudantes	169	12.77	3.925	.302
HISIOHA 3 TOLAL	Médicos	93	11.97	2.784	.289
Total Histórias	Estudantes	169	39.25	10.988	.845
10(a) 1 115(0)1(a)	Médicos	93	37.96	9.061	.940

Tabela 75. Teste T-student para amostras independentes (VI: População)

		Test	e-t para iguald	ade de Médias			
	t	df	Sig (2 extremida des)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiai difere	nça da
			uc3)			Sup.	Inf.
QVC-C	-,877	258	,381	-,758	,864	-2,459	,943
QVC-M	1,249	258	,213	,745	,596	-,429	1,920
QVC-R	-1.999	158.685	.047	-1.163	.582	-2.312	014

Tabela 76. Group Statistics

	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
Estudantes	169	12.42	3.411	.262
Médicos	94	12.01	2.563	.264
Estudantes	169	14.06	4.561	.351
Médicos	94	14.01	4.664	.481
Estudantes	169	12.77	3.925	.302
Médicos	93	11.97	2.784	.289
	Médicos Estudantes Médicos Estudantes	Médicos 94 Estudantes 169 Médicos 94 Estudantes 169	Estudantes 169 12.42 Médicos 94 12.01 Estudantes 169 14.06 Médicos 94 14.01 Estudantes 169 12.77	Estudantes 169 12.42 3.411 Médicos 94 12.01 2.563 Estudantes 169 14.06 4.561 Médicos 94 14.01 4.664 Estudantes 169 12.77 3.925

13.2. Estudantes de Enfermagem/Enfermeiros

Tabela 77. Teste T-student para amostras independentes (VI: População)

Teste-t para igualdade de Médias								
	t	Sig (2 Diferença Erro Padão df extremida média da Diferença des)		95% Inte Confiai difere	nça da			
			ues)			Sup.	Inf.	
QRVC-HIS-1	607	219.747	.544	233	.384	991	.524	
QRVC-HIS-2	658	160.524	.512	376	.571	-1.504	.752	
QRVC-HIS-3	460	183.235	.646	195	.424	-1.031	.641	
QRVC-HIS-total	695	183.550	.488	856	1.232	-3.287	1.575	

Tabela 78. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
História 1 Total	Estudantes	198	12.20	3.645	.259
HISIOHA I TOIAI	Enfermeiros	86	12.43	2.633	.284
História 2 Total	Estudantes	198	13.47	4.361	.310
HISIOIIA Z TOIAI	Enfermeiros	87	13.85	4.476	.480
História 3 Total	Estudantes	198	12.41	3.562	.253
HISIOHA 3 TOIAI	Enfermeiros	87	12.61	3.171	.340
Total Histórias	Estudantes	198	38.09	10.440	.742
Total Historias	Enfermeiros	86	38.94	9.124	.984

Tabela 79. Teste T-student para amostras independentes (VI: População)

		Test	e-t para iguald	ade de Médias			
	t	df	Sig (2 extremida des)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confia difer	nça da
			ues)			Sup.	Inf.
QVC-C	1.554	156.474	.122	1.567	1.008	425	3.559
QVC-M	2.165	144.126	.032	1.839	.849	.160	3.517
QVC-R	1.008	140.674	.315	.851	.844	818	2.519

Tabela 80. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
Total Causas	Estudantes	198	34.67	7.610	.541
Total Causas	Enfermeiros	86	33.10	7.893	.851
Total Manutenção	Estudantes	198	43.92	5.911	.420
rotai Manuterição	Enfermeiros	87	42.08	6.885	.738
Total Resolução	Estudantes	198	45.26	5.800	.412
Total Resolução	Enfermeiros	86	44.41	6.828	.736

13.3. Estudantes de Serviço Social/Técnicos de Ação Social

Tabela 81. Teste T-student para amostras independentes (VI: População)

	Teste-t para igualdade de Médias									
	t	df	Sig (2 extremida des)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confia difere	nça da			
			ues)			Sup.	Inf.			
QRVC-HIS-1	.238	63.372	.813	.172	.725	-1.277	1.622			
QRVC-HIS-2	.924	72.004	.359	.808	.875	936	2.552			
QRVC-HIS-3	.727	66.949	.470	.573	.788	-1.001	2.146			
QRVC-HIS-total	.797	64.861	.428	1.796	2.253	-2.703	6.295			

Tabela 82. Group Statistics

	•				
		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
História 1 Total	Estudantes	172	12.51	3.211	.245
Historia 1 Total	Técnicos A.S.	51	12.33	4.877	.683
História 2 Total	Estudantes	172	14.81	4.633	.353
HISIOHA Z TOIAI	Técnicos A.S.	52	14.00	5.770	.800
História 3 Total	Estudantes	172	13.23	3.729	.284
nistoria 3 Total	Técnicos A.S.	52	12.65	5.302	.735
Total Histórias	Estudantes	172	12.51	3.211	.245
TULAI MISLOMAS	Técnicos A.S.	51	12.33	4.877	.683

Tabela 83. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População)

	Teste-t para igualdade de Médias									
	t	df	Sig (2 Diferença lf extremida média des)		Erro Padão da Diferença	Confia	ervalo de nça da ença			
			ues)			Sup.	Inf.			
QVC-C	1.845	222	.066	2.043	1.107	139	4.225			
QVC-M	1.892	222	.060	1.897	1.003	079	3.873			
QVC-R	1.454	86.901	.150	1.233	.848	453	2.919			

Tabela 84. Group Statistics

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão
Total Causas	Estudantes	172	34.08	6.556	.500
Total Causas	Técnicos A.S.	52	32.04	8.301	1.151
Total Manutanaão	Estudantes	172	43.38	5.467	.417
Total Manutenção	Técnicos A.S.	52	41.48	8.631	1.197
Total Basaluaão	Estudantes	172	45.54	5.515	.421
Total Resolução	Técnicos A.S.	52	44.31	5.312	.737

14. Influência da experiencia profissional nas táticas de resolução de conflitos⁴⁰

14.1. Estudantes de Medicina/Médicos

Tabela 85. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Estud	dantes	Méd	dicos
	M	DP	M	DP
Negociação	81.17	36.223	55.36	38.110
Agressão Psicológica	8.47	13.278	6.94	11.512
Abuso físico sem sequelas	1.40	3.288	1.18	4.016
Coerção sexual	2.14	6.131	5.10	9.271
Abuso físico com sequelas	.44	1.488	.64	3.740
Táticas violentas	12.46	19.812	13.87	19.482

Tabela 86. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Perpetação

Teste-t para igualdade de Médias

⁴⁰ Considerados apenas os sujeitos que identificaram estar numa relação Representações Sociais da Violência entre Parceitos Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos João André Ferreira Mena (joao.a.f.mena@gmail.com) 2016

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança d	ervalo de da diferença
Negociação	4.909	186.507	.000	25.811	5.258	15.438	36.184
Agressão Psicológica	.880	200.195	.380	1.529	1.738	-1.897	4.955
Abuso físico sem sequelas	.431	170.512	.667	.226	.523	808	1.259
Coerção sexual	-2.735	202	.007	-2.960	1.082	-5.093	826
Abuso físico com sequelas	492	111.259	.623	206	.418	-1.034	.623
Táticas violentas	510	192.560	.611	-1.411	2.768	-6.869	4.048

Tabela 87. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Estud	dantes	Médicos		
	M	DP	M	DP	
Negociação	80.25	37.601	52.21	38.086	
Agressão Psicológica	5.52	7.995	4.39	7.505	
Abuso físico sem sequelas	1.29	3.391	1.20	4.353	
Coerção sexual	2.46	5.925	4.07	8.589	
Abuso físico com sequelas	.39	1.448	.18	1.186	
Táticas violentas	9.66	14.764	9.83	14.186	

Tabela 88. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Vitimação

		Teste-t para igualdade de Médias								
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Intervalo de Confiança da diferen				
Negociação	5.251	190.043	.000	28.043	5.340	17.509	38.577			
Agressão Psicológica	1.036	195.996	.301	1.129	1.089	-1.020	3.277			
Abuso físico sem sequelas	.160	164.900	.873	.089	.558	-1.012	1.191			
Coerção sexual	-1.573	202	.117	-1.602	1.018	-3.609	.406			
Abuso físico com sequelas	1.103	202	.271	.208	.189	164	.580			
Táticas violentas	086	194.354	.931	175	2.037	-4.192	3.841			

14.2. Estudantes de Enfermagem/Enfermeiros

Tabela 89. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Estud	dantes	Enfer	meiros
	M	DP	M	DP
Negociação	81.46	40.473	47.82	38.785
Agressão Psicológica	11.73	20.327	7.31	12.351
Abuso físico sem sequelas	4.38	23.646	2.44	8.382
Coerção sexual	3.73	16.728	6.04	11.303
Abuso físico com sequelas	1.43	12.172	.86	4.257
Táticas violentas	21.28	67.985	16.65	29.509

Tabela 90. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Perpetação

		Te	ste-t para igualdad	de de Médias			
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença	95% Inte Confiança d	
Negociação	5.485	156.655	.000	33.640	6.132	21.527	45.753
Agressão Psicológica	1.760	162.814	.080	4.429	2.517	541	9.399
Abuso físico sem sequelas	.748	127.903	.456	1.933	2.585	-3.181	7.048
Coerção sexual	-1.072	166.940	.285	-2.307	2.152	-6.555	1.941
Abuso físico com sequelas	.427	127.169	.670	.567	1.328	-2.060	3.195
Táticas violentas	.601	140.505	.549	4.623	7.698	-10.596	19.841

Tabela 91. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Estudantes		Enfermeiros	
	M	DP	M	DP
Negociação	76.81	41.347	50.51	40.672
Agressão Psicológica	10.76	19.091	6.08	14.521
Abuso físico sem sequelas	3.98	22.637	3.19	13.165
Coerção sexual	3.94	17.109	4.11	10.116
Abuso físico com sequelas	1.33	11.169	.82	4.254
Táticas violentas	20.00	64.467	14.21	33.671

Tabela 92. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Vitimação

	Teste-t para igualdade de Médias								
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença		ervalo de da diferença		
Negociação	4.136	154.539	.000	26.292	6.358	13.733	38.851		
Agressão Psicológica	1.812	167.779	.072	4.672	2.578	418	9.762		

Abuso físico sem sequelas	.284	160.419	.777	.785	2.763	-4.672	6.242
Coerção sexual	082	161.359	.935	172	2.100	-4.318	3.974
Abuso físico com sequelas	.411	132.051	.682	.507	1.235	-1.935	2.949
Táticas violentas	.759	153.494	.449	5.792	7.626	-9.274	20.857

14.3. Estudantes de Serviço Social/Técnicos de Ação Social

Tabela 93. Análise descritiva da perpetação de táticas de resolução de conflito

	Estudantes		Técnicos A.S.	
	M	DP	M	DP
Negociação	80.83	42.607	57.30	45.825
Agressão Psicológica	10.56	14.689	7.05	12.774
Abuso físico sem sequelas	1.43	3.561	.73	2.320
Coerção sexual	1.00	4.262	4.08	8.687
Abuso físico com sequelas	.29	1.760	.20	.883
Táticas violentas	13.27	18.721	12.05	18.716

Tabela 94. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Perpetação

		Te	ste-t para igualdad	de de Médias			
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença		ervalo de da diferença
Negociação	2.734	71.986	.008	23.533	8.609	6.372	40.694
Agressão Psicológica	1.361	87.311	.177	3.510	2.578	-1.615	8.634
Abuso físico sem sequelas	1.138	122	.257	.704	.618	520	1.927
Coerção sexual	-2.650	122	.009	-3.075	1.160	-5.372	778
Abuso físico com sequelas	.361	121.621	.719	.086	.237	384	.556
Táticas violentas	.340	76.819	.735	1.224	3.596	-5.937	8.384

Tabela 95. Análise descritiva da vitimação de táticas de resolução de conflito

	Estudantes		Técnicos A.S.	
	M	DP	M	DP
Negociação	79.73	43.820	55.28	43.958
Agressão Psicológica	8.13	12.035	7.88	15.732
Abuso físico sem sequelas	.69	1.951	.53	2.000
Coerção sexual	1.33	4.537	4.33	9.124
Abuso físico com sequelas	.10	.670	.20	.883
Táticas violentas	10.25	14.958	12.93	21.898

Tabela 96. Teste *T-student* para amostras independentes (VI: População) - Vitimação

Teste-t para igualdade de Médias									
	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média	Erro Padão da Diferença		ervalo de da diferença		
Negociação	2.898	76.586	.005	24.451	8.436	7.651	41.251		
Agressão Psicológica	.091	61.520	.928	.256	2.813	-5.368	5.879		
Abuso físico sem sequelas	.434	75.114	.665	.165	.381	594	.925		
Coerção sexual	-2.443	122	.016	-2.992	1.224	-5.415	568		
Abuso físico com sequelas	665	61.150	.509	105	.158	420	.210		
Táticas violentas	2.062	66.738	.043	21.776	10.560	.696	42.856		